

HISTÓRIAS NO DF PARA INSPIRAR FUTURAS CIENTISTAS



#MaisMeninas
na FioCruz Brasília





The background is a solid orange color with a repeating pattern of white line-art icons. These icons represent various scientific fields: a bar chart, a person reading a book, a laboratory building, a stylized human figure, a deer, test tubes, a DNA double helix, a syringe, a molecular structure, a scale of justice, a laptop, a clipboard with a pencil, a magnifying glass, a microscope, a clock tower, a bus, and a person reading a book.

HISTÓRIAS NO DF
PARA INSPIRAR
FUTURAS
CIENTISTAS



FIOCRUZ

Presidência
Mario Moreira

*Vice-Presidência de Educação,
Informação e Comunicação*
Cristiani Vieira Machado

Coordenação de Divulgação Científica
Cristina Araripe



FIOCRUZ
Brasília

Gerência Regional de Brasília
Fiocruz Brasília

Direção
Fabiana Damásio

Assessoria de Comunicação
Wagner Vasconcelos

HISTÓRIAS NO DF PARA INSPIRAR FUTURAS CIENTISTAS



#MaisMeninas
na Fiocruz Brasília



Consultoria Editorial
Isabel de Freitas Aoki

Projeto Gráfico: Adaptação feita por Fernanda Dias Almeida e Milena Hernández Bendicho sobre projeto gráfico criado por Thays Coutinho para a obra original “Histórias para inspirar futuras cientistas” (Edições Livres, 2021).

Ilustrações: Este livro usa ícones criados pela ilustradora Flávia Borges para a obra original “Histórias para inspirar futuras cientistas” (Edições Livres, 2021), bem como ilustrações gratuitas da plataforma Freepik (<https://br.freepik.com/>) e ícones gratuitos desenvolvidos pela Grande Circular (<https://grandecircular.com/trabalho/dingbats-brasilia/>).

A obra original em que este livro foi baseado está disponível em <https://portolivre.fiocruz.br/historias-para-inspirar-futuras-cientistas>

Edição e Revisão
Fernanda Marques

Publicação realizada com apoio da Direção da Fiocruz Brasília e da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC), por meio da chamada interna Mais Meninas na Fiocruz 2024.

Este livro foi publicado de acordo com a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz. Os textos constantes nesta publicação podem ser copiados e compartilhados desde que: não sejam utilizados para fins comerciais e seja citada a fonte e atribuídos os devidos créditos. Distribuição gratuita.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Histórias no DF para inspirar futuras cientistas /
[livro eletrônico] / [organização Fundação Oswaldo Cruz,
Gerência Regional de Brasília]. -- Brasília, DF : Escola de
Governo Fiocruz Brasília, 2024.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-88309-60-5

1. Estudantes - Escritos 2. Divulgação
científica 3. Mulheres na ciência 4. Textos -
Coletâneas I. Fundação Oswaldo Cruz. II. Gerência Regional
de Brasília.

24-238128

CDD-372.623

Índices para catálogo sistemático:

1. Estudantes : Textos : Produção : Educação 372.623

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Fiocruz Brasília
Avenida L3 Norte, s/n, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Gleba A, CEP: 70.904-130 -
Brasília - DF



ESTE LIVRO É DEDICADO A TODAS AS PESSOAS QUE SÃO FONTE DE INSPIRAÇÃO, SEJA NA FAMÍLIA, NA ESCOLA, NO TRABALHO, NA VIZINHANÇA OU EM QUALQUER LUGAR. QUEM DESPERTA BONS SENTIMENTOS E BOAS IDEIAS TEM A CAPACIDADE DE CONECTAR PESSOAS E, NEM É PRECISO DIZER, JUNTOS(AS) SOMOS MAIS FORTES, NÉ?





SUMÁRIO

PALAVRAS DA DIRETORA ·10·

APRESENTAÇÃO ·13·

ANA MARIA PRIMAVESI ·14·

ELIETE NEVES DA SILVA GUERRA ·20·

GRAZIELA MACIEL BARROSO ·24·

LAILA SALMEN ESPINDOLA ·28·

LILIAN DOS ANJOS CARNEIRO ·32·

LUCIANA APARECIDA ZAGO DE ANDRADE ·36·

LUCIANY OLIVEIRA OSÓRIO BORGES ·40·

MANUELITA HERMES ROSA OLIVEIRA FILHA ·44·

MARIA CLOTILDE HENRIQUES TAVARES ·50·

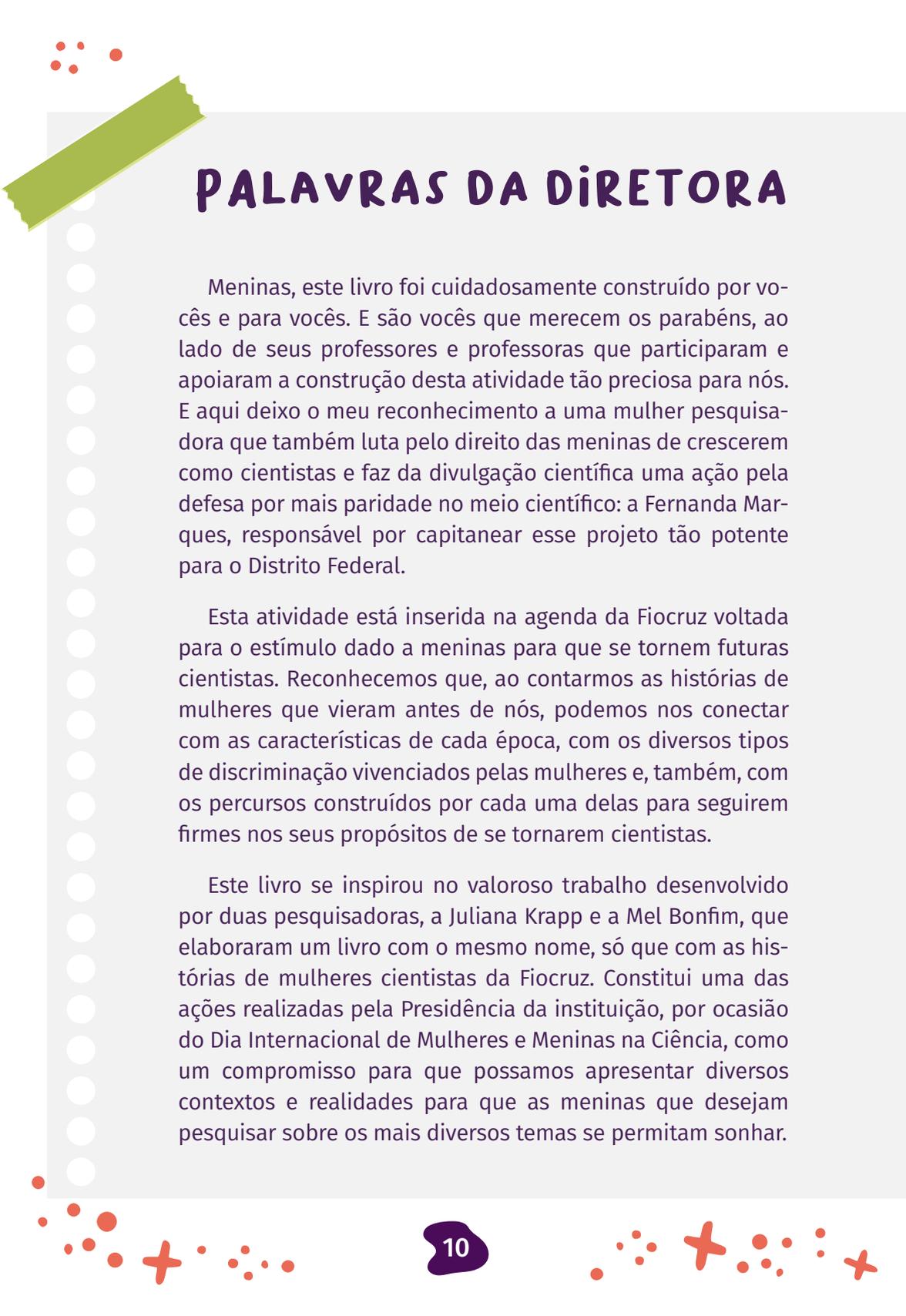
MERCEDES MARIA DA CUNHA BUSTAMANTE ·54·

PRISCILA MONTEIRO KOSAKA ·58·

RÚBIA ESTEFÂNIA PINTO DA SILVA ·62·

SÔNIA NAIR BÃO ·66·

VALESKA ZANELLO ·70·



PALAVRAS DA DIRETORA

Meninas, este livro foi cuidadosamente construído por vocês e para vocês. E são vocês que merecem os parabéns, ao lado de seus professores e professoras que participaram e apoiaram a construção desta atividade tão preciosa para nós. E aqui deixo o meu reconhecimento a uma mulher pesquisadora que também luta pelo direito das meninas de crescerem como cientistas e faz da divulgação científica uma ação pela defesa por mais paridade no meio científico: a Fernanda Marques, responsável por capitanear esse projeto tão potente para o Distrito Federal.

Esta atividade está inserida na agenda da Fiocruz voltada para o estímulo dado a meninas para que se tornem futuras cientistas. Reconhecemos que, ao contarmos as histórias de mulheres que vieram antes de nós, podemos nos conectar com as características de cada época, com os diversos tipos de discriminação vivenciados pelas mulheres e, também, com os percursos construídos por cada uma delas para seguirem firmes nos seus propósitos de se tornarem cientistas.

Este livro se inspirou no valoroso trabalho desenvolvido por duas pesquisadoras, a Juliana Krapp e a Mel Bonfim, que elaboraram um livro com o mesmo nome, só que com as histórias de mulheres cientistas da Fiocruz. Constitui uma das ações realizadas pela Presidência da instituição, por ocasião do Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência, como um compromisso para que possamos apresentar diversos contextos e realidades para que as meninas que desejam pesquisar sobre os mais diversos temas se permitam sonhar.

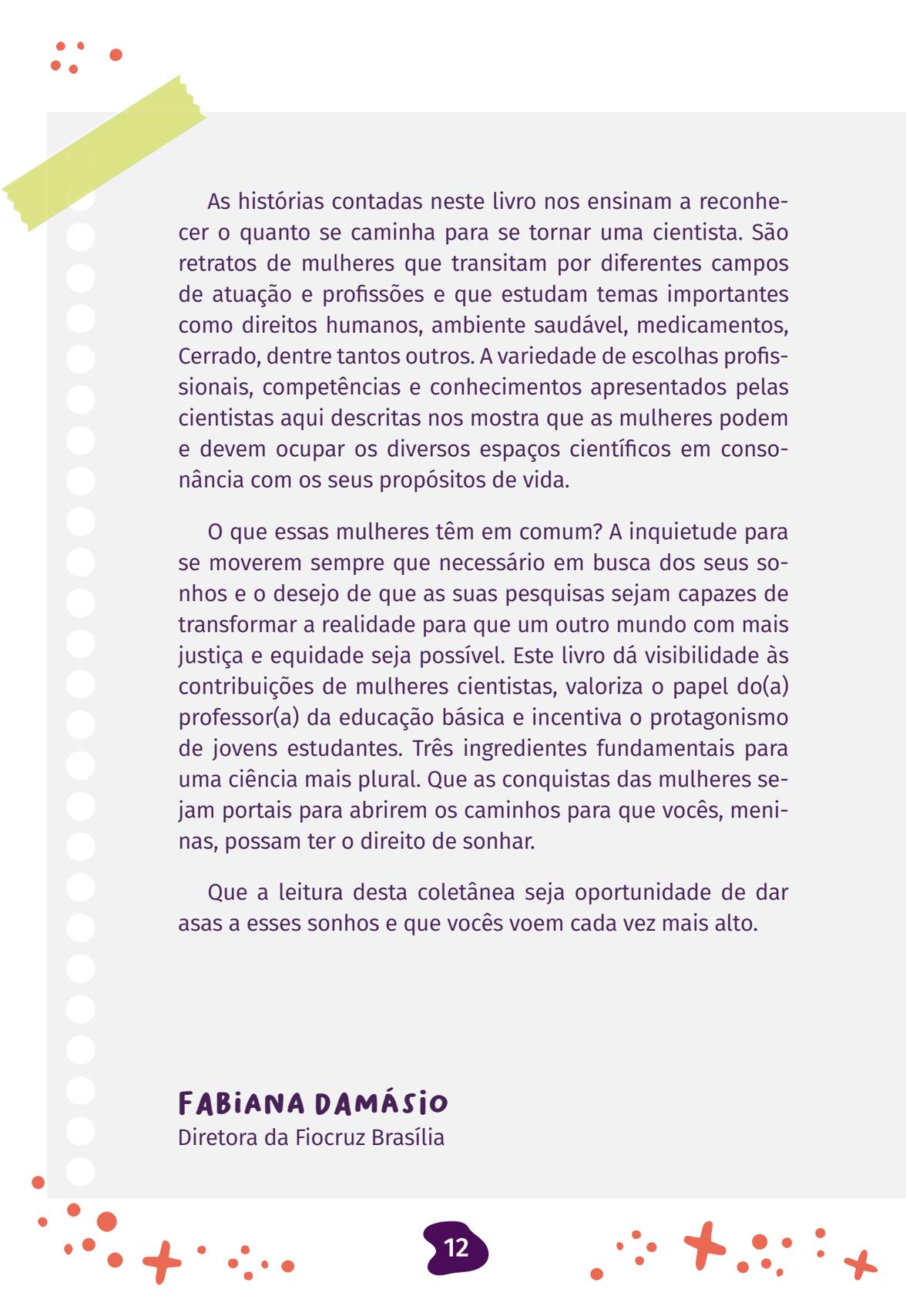


Aqui em Brasília, iniciamos em 2020 com as portas da nossa unidade abertas para meninas interessadas em conhecer melhor o universo da ciência, em um evento recheado de atividades práticas, manifestações culturais e, claro, diálogo com nossas cientistas. Aquele momento foi muito além de uma data, porque nos mostrou o imenso potencial do programa, que se multiplicou em uma série de iniciativas, como rodas de conversa, concursos de ilustrações, *podcast*, exposições, trocas de experiências com pesquisadoras e parcerias com a Universidade de Brasília (UnB) e o Sesi Lab Delas, entre outras oportunidades de construir uma ciência mais diversa.

O livro publicado pela Mel e Juliana e todo o trabalho realizado por nossa unidade em consonância com a agenda institucional balizaram a ideia de construirmos uma versão regional dedicada a mulheres cientistas do DF que inspiram meninas a partir das suas perguntas de pesquisa, dos seus achados e da forma como teceram suas trajetórias. Ao ler as histórias, vocês encontrarão exemplos de mulheres determinadas e dedicadas, que precisaram enfrentar momentos históricos como a ditadura para fazerem valer os seus objetivos.

A cada passo que deram, demonstraram persistência para driblar os percalços sobre as iniquidades presentes no meio científico, com a afirmação de que seriam capazes de ir mais longe. Construíram história no Distrito Federal e se reinventaram a cada dia, conciliando os múltiplos papéis assumidos pelas mulheres, como, por exemplo, tornar-se mãe. Imaginem que só agora, em pleno século 21, ampliamos os direitos da maternidade para que as mulheres pesquisadoras tenham condições de concluir suas teses e dissertações.





As histórias contadas neste livro nos ensinam a reconhecer o quanto se caminha para se tornar uma cientista. São retratos de mulheres que transitam por diferentes campos de atuação e profissões e que estudam temas importantes como direitos humanos, ambiente saudável, medicamentos, Cerrado, dentre tantos outros. A variedade de escolhas profissionais, competências e conhecimentos apresentados pelas cientistas aqui descritas nos mostra que as mulheres podem e devem ocupar os diversos espaços científicos em consonância com os seus propósitos de vida.

O que essas mulheres têm em comum? A inquietude para se moverem sempre que necessário em busca dos seus sonhos e o desejo de que as suas pesquisas sejam capazes de transformar a realidade para que um outro mundo com mais justiça e equidade seja possível. Este livro dá visibilidade às contribuições de mulheres cientistas, valoriza o papel do(a) professor(a) da educação básica e incentiva o protagonismo de jovens estudantes. Três ingredientes fundamentais para uma ciência mais plural. Que as conquistas das mulheres sejam portais para abrirem os caminhos para que vocês, meninas, possam ter o direito de sonhar.

Que a leitura desta coletânea seja oportunidade de dar asas a esses sonhos e que vocês voem cada vez mais alto.

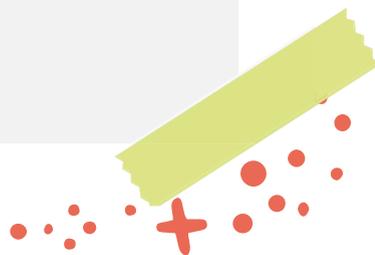
FABIANA DAMÁSIO

Diretora da Fiocruz Brasília



APRESENTAÇÃO

Mulheres inspiradoras que têm, ao menos, duas características em comum: a carreira na ciência e a ligação com o Distrito Federal (DF). Elas vieram parar dentro deste livro porque suas trajetórias despertaram a atenção de estudantes do 6º ao 9º ano de escolas públicas do DF. Uma turma que estudou sobre essas mulheres e produziu os textos e ilustrações da coletânea, com a orientação de professores(as) interessados(as) na divulgação científica. Selecionados em um concurso cultural da Fiocruz Brasília, com o apoio da Secretaria de Educação do DF, os trabalhos que você tem em mãos revelam conquistas e desafios pessoais e profissionais - histórias reais de pesquisadoras que têm contribuído para o avanço do conhecimento e a formação das futuras gerações de cientistas. Para nós, é uma alegria constatar que, a depender dos(as) jovens autores(as) desta obra, a ciência terá cada vez mais diversidade e equidade. Ao ler as próximas páginas, esperamos que você se sinta conectado(a) a essa ciência que pode tornar o mundo um lugar melhor para todos(as).





ANA MARIA PRIMAVESI

Ana Maria Primavesi foi uma agrônoma e pesquisadora austríaca radicada no Brasil, uma das pioneiras na agricultura. Suas contribuições focavam na saúde do solo e na sustentabilidade agrícola. Publicou diversos livros e artigos, influenciando práticas agrícolas ecológicas e sustentáveis. Seu trabalho enfatizava a importância de um solo vivo e equilibrado para a produtividade agrícola a longo prazo, tornando-se uma referência internacional no campo da agroecologia. Ela deixou um legado duradouro de respeito ao meio ambiente e proteção da biodiversidade. Tudo graças ao seu amor pelo solo.

Ana nasceu em 3 de outubro de 1920, na encantadora paisagem rural da Áustria. Desde pequena, ela se viu cercada pela natureza, correndo pelos campos da fazenda de seus pais, onde o amor pela terra e pelo cultivo brotava em seu coração. Seus pais, dedicados agricultores, foram suas primeiras inspirações, ensinando-lhe a magia dos ciclos naturais e a importância de um solo fértil.



Apesar da educação rígida, a infância de Ana foi como um conto de fadas agrícola, cheia de aventuras ao ar livre e descobertas sobre as maravilhas do solo e das plantas. Esse contato íntimo com a natureza a moldou profundamente, levando-a a seguir os passos dos pais e se aprofundar nos mistérios da terra.

A vida acadêmica de Ana foi marcada por uma busca incessante pelo conhecimento e pela excelência. Ainda criança, contraiu meningite e precisou ficar afastada dos estudos por quase dois meses, o que a obrigou a recomêçá-los, pois não se lembrava mais das aulas. Uma das sequelas da doença foi uma cegueira que, aos poucos, retrocedeu.



Desde os primeiros dias na universidade, Ana mostrou uma determinação admirável para se destacar em seu campo de estudo. Mergulhou profundamente nas pesquisas, participou ativamente de seminários e conferências, e colaborou com outros acadêmicos e colegas para expandir os limites do conhecimento em agricultura sustentável.

Ao longo de sua carreira, Ana demonstrou uma capacidade extraordinária de integrar teoria e prática, combinando o rigor científico com uma visão precisa das questões agrícolas. Sua paixão pela pesquisa a levou a explorar diversos temas, desde a microbiologia do solo até os princípios da agroecologia. Sua curiosidade e sua sede de aprendizado a impulsionaram a se tornar uma das principais autoridades em seu campo.

Embora não haja registros de todas as universidades onde Ana atuou, destacam-se algumas instituições em que ela teve influência significativa, como a Universidade de Agricultura de Viena (Áustria), na qual obteve seu doutorado em agronomia. Já na Universidade Federal de Santa Maria (Brasil), foi professora e pesquisadora por muitos anos, contribuindo para o avanço da agricultura sustentável no país.

Ana enfrentou os horrores do nazismo, que aniquilou grande parte de sua família, inclusive seu pai e sua mãe. Ela foi enviada à Polônia pelo governo nazista para trabalhar nos campos de refugiados. Mais tarde, foi presa e mantida em um campo de concentração na Alemanha. Foram tempos sombrios na vida de Ana e de milhares de outras vítimas do holocausto.

Quando foi solta, Ana decidiu mudar de país, levando seus conhecimentos diretamente da Áustria para o Brasil, onde chegou no ano de 1948, já casada com seu grande amor, Artur Primavesi, após os traumas e devastação da Segunda Guerra Mundial. Foi uma atitude corajosa deixar sua terra natal para mergulhar de cabeça em uma nova cultura, com um novo jeito de fazer agricultura.

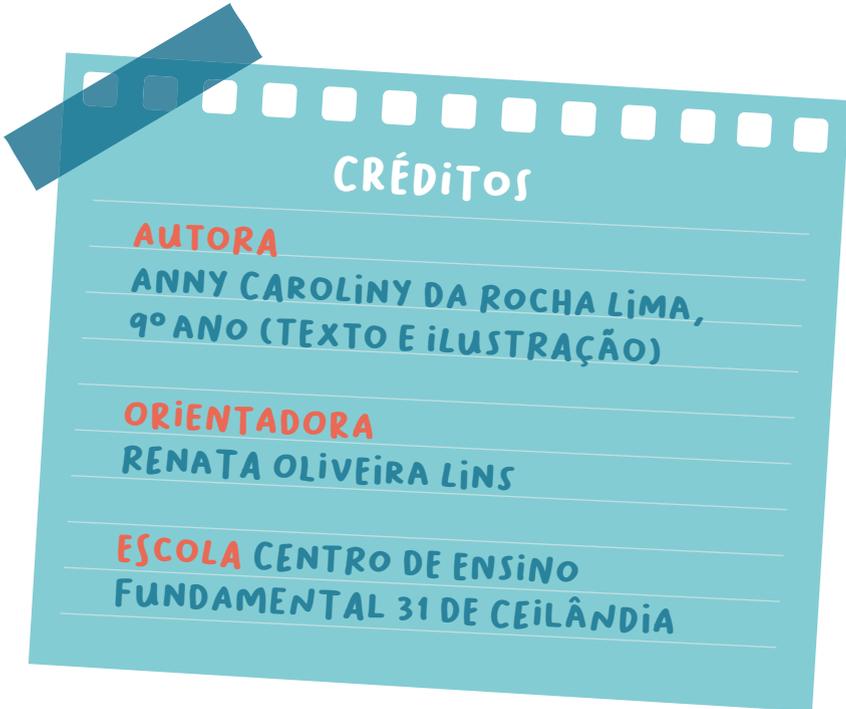
No Brasil, Ana não só adaptou seu conhecimento em agronomia ao clima e às condições locais, mas também se tornou uma pioneira da agroecologia no país. Ela foi uma das primeiras a levantar a bandeira da agricultura orgânica e sustentável, defendendo práticas que respeitassem a natureza e promovessem a saúde do solo e das plantas. A pesquisadora sempre travou uma luta contra os agrotóxicos e a degradação ambiental, viajando pelo Brasil para ensinar a agricultores e estudantes a importância de cuidar da terra de forma responsável.

Além de suas incríveis contribuições para a agricultura, Ana era uma pessoa superacessível e generosa, sempre disposta a compartilhar seu conhecimento e experiência com quem precisasse. Nas diversas vezes em que era entrevistada, demonstrava humildade e carisma.

A pesquisadora fundou a Associação da Agricultora Orgânica (AAO) e, ao longo de sua carreira, recebeu uma série de prêmios, como o *One World Award* da Federação Internacional dos Movimentos da Agricultura Orgânica. Mas ela não se gabava. “Não deveríamos ser premiados apenas por fazer o mínimo”, dizia.

Ana faleceu em 5 de janeiro de 2020, em São Paulo, aos 99 anos. Foi uma guerreira até o final, dedicando praticamente a vida inteira aos cuidados do solo. Não há registros específicos sobre ações diretas da pesquisadora no Distrito Federal. Seu trabalho, porém, teve e ainda tem um impacto amplo, com benefícios para todas as regiões do Brasil. No Distrito Federal, em Brazlândia, encontra-se o Acampamento Ana Primavesi, uma área rural ocupada por famílias sem terra, que recebeu este nome em homenagem à “Mãe do Solo”.





CRÉDITOS

AUTORA

ANNY CAROLINY DA ROCHA LIMA,
9º ANO (TEXTO E ILUSTRAÇÃO)

ORIENTADORA

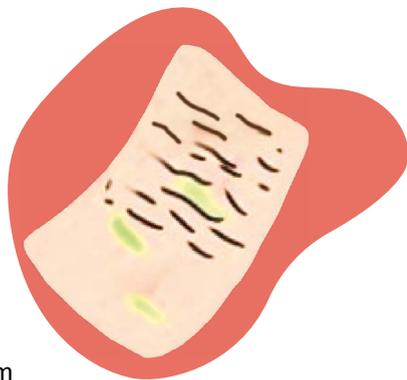
RENATA OLIVEIRA LINS

ESCOLA CENTRO DE ENSINO
FUNDAMENTAL 31 DE CEILÂNDIA



ELIETE NEVES DA SILVA GUERRA

Conhece uma professora titular do Departamento de Odontologia da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (UnB), que orienta estudantes de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UnB, já coordenou esse Programa e, hoje em dia, faz parte de sua Comissão? Não? Então conheça Eliete Neves da Silva Guerra, uma mulher que é exemplo de força, determinação e empoderamento feminino na ciência.



Nascida em 28 de abril de 1970, no estado de Goiás, sempre se mostrou interessada pela área da saúde. Em 1988, iniciou o curso de odontologia na Universidade Federal de Goiás (UFG) e não parou mais de estudar e pesquisar – dificilmente alguém não vai ficar de boca aberta ao conhecer tudo que ela já fez! Ela sente orgulho de trabalhar na UnB, referindo-se à Universidade como multicultural e eclética, além de exaltar a construção projetada por Oscar Niemeyer.

Mesmo com um certo privilégio por ser de uma classe socioeconômica um pouco mais alta, Eliete enfrentou dificuldades ao longo de sua carreira. Filha de pais separados, ela vivenciou desafios comuns a muitas mulheres na ciência, como a desigualdade de gênero e a dificuldade de representação feminina em ambientes de pesquisa. No Brasil, o preconceito e a falta de apoio institucional, além das responsabilidades familiares e domésticas, que recaem de forma desproporcional sobre as mulheres, dificultam o desenvolvimento profissional delas.

Apesar do contexto nem sempre favorável, Eliete seguiu determinada buscando excelência em seus estudos e em sua atuação como pesquisadora. Manteve-se firme e forte para conquistar seus objetivos e chegar

aonde chegou. Ela está entre os 2% de pesquisadores mais influentes do mundo em suas áreas de atuação, segundo lista elaborada em 2023 pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, e pelo repositório de dados Elsevier, sediado na Holanda.

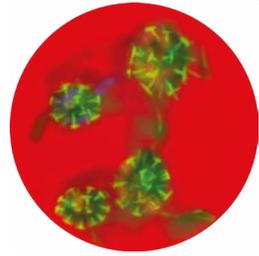


Eliete já conquistou nove prêmios – o primeiro deles foi o Estímulo Kolynos, 1992. Ela também já publicou mais de 150 artigos em revistas científicas nacionais e internacionais, sendo um de seus principais trabalhos a sua pesquisa sobre carcinogênese de cabeça e pescoço – processo pelo qual células normais nessas regiões do corpo se transformam em células cancerosas, influenciado por fatores como tabagismo, consumo excessivo de álcool, infecção pelo HPV e exposição a outras substâncias químicas. O processo de formação do câncer pode causar inúmeros sintomas e dificuldades, e a pesquisa expõe algumas abordagens terapêuticas que podem melhorar a qualidade de vida do paciente, como cirurgia, radioterapia, quimioterapia e terapias-alvo.

Não menos importante é a pesquisa de Eliete sobre a covid-19, segundo a qual algumas condições bucais, como lesões na cavidade oral, boca seca, alteração do paladar e infecções secundárias, podem estar associadas à deterioração geral da saúde causada pelo novo coronavírus ou até aos tratamentos usados contra esse vírus. Com tantas contribuições e trabalhos, ela poderia até ganhar o prêmio Nobel!

Além do português, Eliete fala inglês, francês e espanhol, e já atuou profissionalmente em instituições prestigiadas como o King's College de Londres, na Inglaterra, a Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, e a Universidade de Paris, na França. Ela pretende trabalhar muitos anos ainda, antes de se aposentar, porque ama sua profissão, mas também gosta dos momentos de lazer e, especialmente, de apreciar um bom prato de bacalhau!

Eliete é uma grande fonte de inspiração para meninas que queiram ser cientistas ou seguir outra carreira, mostrando que ser mulher não é impedimento para grandes conquistas, muito pelo contrário. Mulheres são fortes, resilientes e motivo de orgulho em nossa sociedade.



“O maior prazer na vida é fazer aquilo que as pessoas dizem que você não é capaz de fazer”. Esta frase, do ensaísta britânico Walter Bagehot (1826-1877), traduz o que sentimos ao conhecer a história de Eliete. E esperamos que este sentimento também possa contagiar outras pessoas, em especial meninas que sonham em ser cientistas.

CRÉDITOS

AUTORES

BIANCA ARAÚJO ALMEIDA, 9º ANO
(TEXTO)

CARLOS ALESSANDRO DA SILVA, 9º ANO
(TEXTO)

RAYANNA RIBEIRO MARIA, 9º ANO
(ILUSTRAÇÃO)

ORIENTADORA

ELAINE CRISTINA MATOS MAGALHÃES

ESCOLA

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL
08 DO GUARÁ



GRAZIELA MACIEL BARROSO

No Centro-Oeste brasileiro, nasceu uma grande cientista muito corajosa. Ela encarou todas as dificuldades que as mulheres de sua época poderiam enfrentar. Graziela Maciel Barroso foi educada para ser dona de casa. Aos 16 anos, casou-se com um engenheiro agrônomo - a profissão do marido, mais tarde, despertaria nela o interesse pela botânica. Passou uma grande parte de sua vida dedicando-se aos cuidados da casa e dos filhos, mas sempre mantendo seu interesse nos estudos e no trabalho do marido. Até que aos 30 anos, com a ajuda dele, começou seus estudos em casa.

Com sua dedicação na busca pelo conhecimento, passou a se destacar e começou a trabalhar como estagiária, tendo as funções de separar sementes, coletar e preparar plantas para estudo no Horto Florestal (atual Jardim Botânico do Rio de Janeiro). Anos depois, disputou uma vaga no concurso público para o cargo de naturalista na mesma instituição. Na ocasião, apresentou uma monografia sobre ervas perenes de grande porte, sendo aprovada em segundo lugar. Tornou-se a primeira mulher a ser contratada por um concurso público no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Em sua nova atividade profissional, na área da Sistemática Vegetal, teve como função o desenvolvimento e agrupamento de plantas levando em consideração suas características. Por diversos mandatos, foi chefe da Seção de Botânica Sistemática e curadora do Herbário do Jardim Botânico, onde incrementou o intercâmbio científico com outras instituições nacionais e estrangeiras. Sempre entusiasmada com as atividades do trabalho,





passou a treinar novos estagiários, incluindo mestrandos e doutorandos, mesmo sem ter ainda curso superior.

Aos 37 anos, teve sua primeira grande perda: ficou viúva. Contudo, seguiu em frente e tornou-se a maior taxonomista de plantas do Brasil, isto é, a maior pesquisadora responsável por classificar as plantas. Dez anos depois, ingressou na Universidade do Estado da Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde cursou História Natural. Durante a graduação, teve sua segunda grande perda: um de seus filhos morreu em um acidente aéreo, abalando-a profundamente. No entanto, mais uma vez, demonstrou uma de suas diversas qualidades, a perseverança, que a acompanhou por toda a sua vida.



Pouco depois de se formar, destacava-se por seu conhecimento e foi convidada para ser professora de Botânica e chefe do Departamento de Biologia Vegetal na Universidade de Brasília (UnB), desde sua criação, em 1966, até 1969. Nesse período, o país estava sob o comando dos militares, em plena ditadura, quando invasões a centros universitários eram comuns. Graziela lutou em defesa das liberdades democráticas, protegendo alunos de prisões e protestando contra a demissão em massa de professores. Inclusive, chegou a escrever uma carta ao marechal Artur da Costa e Silva, então presidente da República, em que denunciava as injustiças que ocorriam na UnB.

A inquietude e a vontade de aprender fizeram com que Graziela, aos 61 anos, defendesse sua tese de doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ampliando ainda mais seu alcance na área do magistério, passou a ministrar disciplinas em cursos de pós-graduação, além de orientar mestrandos e doutorandos em diversas universidades.

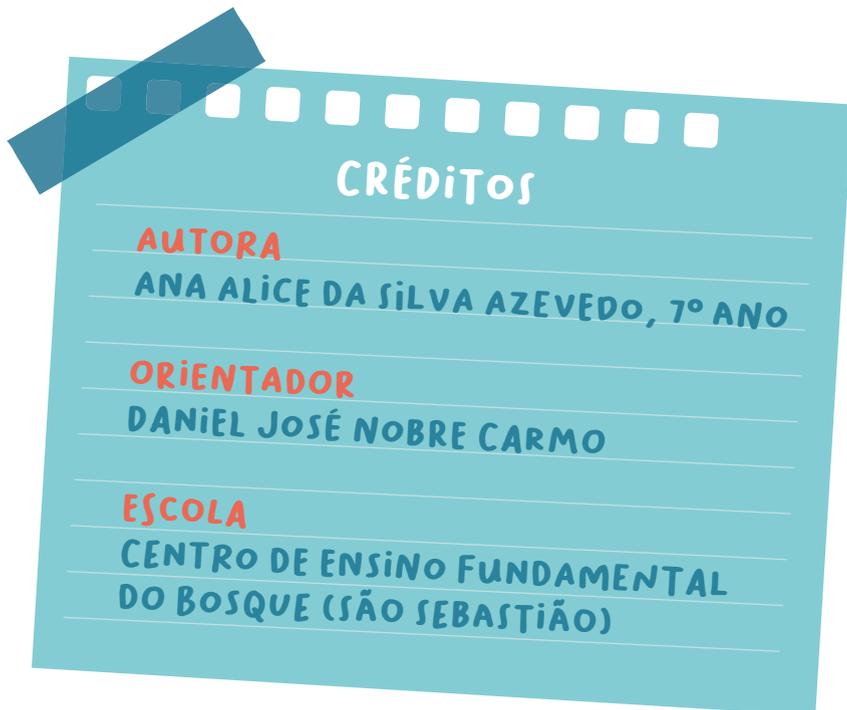
No decorrer de sua vida acadêmica, escreveu alguns livros, com destaque para “Sistemática de Angiospermas do Brasil”, uma obra com muitos detalhes sobre características morfológicas de plantas. Em 1982, com



70 anos, viu-se obrigada a aposentar-se do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, porém não diminuiu seu ritmo de trabalho: continuou suas tarefas de identificação e classificação das plantas em casa, até o final de sua longa jornada.

Reconhecida no exterior, recebeu diversas homenagens, como a Ordem do Mérito Científico e a *Millenium Botany Award* (Medalha de Botânica do Milênio), sendo a única brasileira a obter essa condecoração. Faleceu em 2003, aos 92 anos, ainda em plena atividade – um mês antes de sua morte, havia sido eleita para a Academia Brasileira de Ciências, mas morreu antes da posse oficial.

Exemplo de mulher na ciência, Graziela mostrou que, apesar de ter iniciado seus estudos e sua profissão tardiamente, conseguiu transpor inúmeras dificuldades e afirmar-se como pesquisadora em um ambiente majoritariamente masculino. Apesar dos percalços da vida, como a viuvez precoce e a perda do filho, demonstrou muita força para seguir adiante e, graças à sua perseverança, contribuiu de forma decisiva para a ciência.







LAILA SALMEN ESPINDOLA

“Minha vida me quer Professora: conectando raízes, *aprendimentos* e ensino”. Este foi o tema do memorial da professora Laila Salmen Espindola, apresentado em 17 de junho de 2020, como um dos requisitos para se tornar professora titular da Universidade de Brasília (UnB). Um tema que diz muito a respeito dessa cientista, criança número quatro de uma família de dez filhos, neta de raizeira e criada dentro da farmácia do pai, o que foi decisivo para sua escolha profissional.

Em 1980, iniciou sua graduação na Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto. Depois, vieram o mestrado e o doutorado, na França, e o pós-doutorado, nos Estados Unidos. No último ano do mestrado, Laila teve sua primeira filha, Mariana, e a pesquisadora obteve a dupla nacionalidade, o que facilitou sua permanência na França. Defendeu sua tese de doutorado grávida do segundo filho, Sébastien. E o terceiro, Valentin, nasceu ainda na França. Laila se dividiu entre a maternidade e a ciência. Seus três filhos são fonte de inspiração para essa grande cientista.

Na UnB, além de professora, é coordenadora do Laboratório de Farmacognosia e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Medicina. Já participou de associações científicas nacionais e internacionais. Atualmente, faz parte da diretoria da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). E essa é apenas uma pequena parte de seu currículo!

Cientista de destaque no campo da biotecnologia e etnobotânica, Laila tem uma trajetória marcada por sua capacidade de orientar estudantes, fé, força e gratidão. A pesquisadora sempre valorizou o uso de plantas medicinais, estudando registros que datam desde a Idade Média, bem como a descoberta de medicamentos que mudaram a história da humanidade, como penicilina, morfina e anticoncepcional.





Foi na UnB, onde ingressou em 1998, que conheceu o professor José Elias de Paula, pesquisador do Cerrado, e junto com ele iniciou a construção de um banco de extratos. Durante os estudos, Laila e outros cientistas chegaram a acampar em vários estados brasileiros, como Goiás e Amazonas. Era uma grande aventura na qual dormiam, tomavam banho e faziam comida em plena floresta.

Desde então, Laila é conhecida por sua colaboração com comunidades indígenas e rurais na coleta de plantas e na preservação do meio ambiente e do conhecimento tradicional sobre o uso de ervas medicinais. Ao unir esse conhecimento com métodos científicos modernos, ela promove um intercâmbio de saberes que enriquece as pesquisas e valoriza a biodiversidade e a cultura local.



O banco de extratos é uma coleção de substâncias extraídas de plantas nativas do Brasil, muitas das quais utilizadas por populações tradicionais em práticas rituais e medicinais. O objetivo é fornecer uma plataforma acessível para a realização de estudos multidisciplinares que envolvem biotecnologia, química de produtos naturais e farmacologia. Pesquisadores de diferentes áreas utilizam o banco para investigar as propriedades dos extratos, buscando novas aplicações em saúde, cosméticos e até na agricultura.

Laila coordena projetos de pesquisa que estudam o potencial de extratos vegetais no controle do mosquito *Aedes aegypti*, o principal transmissor dos vírus da dengue, zika e chikungunya. Esse trabalho envolve a investigação da rica biodiversidade brasileira para descobrir substâncias naturais capazes de atuar como repelentes ou larvicidas, oferecendo alternativas mais sustentáveis e menos nocivas ao meio ambiente do que os produtos químicos que já existem.

Em 2020, Laila iniciou um estudo com pacientes acometidos pela infecção de covid-19 e doenças endêmicas do Brasil. Durante o período crítico da pandemia, combateu fortemente as *fake news*, reafirmando os va-



lores éticos do conhecimento científico para o cuidado em saúde. Além de incentivar a vacinação contra a covid, alertou a população sobre o perigo de doenças eliminadas ou controladas voltarem a prejudicar as pessoas, devido à queda das coberturas vacinais. Hoje, continua sendo uma voz importante na defesa da educação científica para combater o negacionismo.

Laila é uma grande mulher na comunidade científica, que luta por melhores condições de pesquisa dentro das universidades brasileiras. Ela não apenas contribui diretamente para o controle da dengue, como também amplia o conhecimento sobre a flora brasileira, em especial a do Cerrado, fonte de descobertas para novos medicamentos e inúmeras outras possibilidades de aplicação. Seu trabalho reforça a importância da conservação ambiental e do desenvolvimento de tecnologias baseadas em recursos naturais. Laila foi nossa inspiração e esperamos que seja também para muitas outras meninas e mulheres no mundo da ciência.



CRÉDITOS

AUTORES

ANA BEATRIZ ROSA XAVIER DE SOUZA,
8º ANO (TEXTO)

DANIELA SOUZA ARAÚJO, 8º ANO
(ILUSTRAÇÃO)

LAVINNY VALENÇA ROCHA, 8º ANO
(TEXTO)

ORIENTADORA

ELAINE CRISTINA MATOS MAGALHÃES

ESCOLA

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL
08 DO GUARÁ







LILIAN DOS ANJOS CARNEIRO

Lilian dos Anjos Carneiro é uma jovem cientista e professora universitária. A brasiliense nasceu em 11 de fevereiro de 1988, na Asa Sul. A inspiração para seguir a carreira de biomédica veio de sua família, principalmente de seu pai, que era um homem estudioso e dedicado. Seu sonho sempre foi ser pesquisadora, mas o primeiro emprego de Lilian não foi relacionado à ciência: começou trabalhando em festas e eventos.

Ela é uma mulher cristã; Deus é um guia em tudo que faz e a parte mais importante de sua vida. Sempre muito vaidosa, quando entrou para a faculdade, estava sempre arrumada, com as unhas feitas e maquiada. Isso era motivo para que as pessoas subestimassem a sua capacidade intelectual e duvidassem de que, um dia, ela seria uma grande cientista.

No segundo semestre da faculdade, começou a fazer iniciação científica com projetos na área de microbiologia e segurança alimentar. Estagiou no Hospital de Base de Brasília, onde aproveitou todas as oportunidades de aprender, inclusive técnicas de processamento e análise de sangue. Também foi selecionada para um estágio no Laboratório de Neurofarmacologia da Universidade de Brasília (UnB). Mesmo antes de se formar, já viajava para participar de congressos científicos (em Manaus, por exemplo) e era reconhecida (ganhou um prêmio de melhor trabalho de iniciação científica).



No oitavo semestre da graduação, começou os estudos na área de neurociência, tema de sua monografia de conclusão do curso. Depois, ela fez mestrado, doutorado e pós-doutorado nessa mesma área. Por muito tempo, dedicou-se exclusivamente à pesquisa, sem descanso nos feriados nem nos finais de semana – ficava sempre no laboratório trabalhando.

Fez um trabalho de excelência na área de epilepsia e neuroproteção, sendo convidada para palestrar em congressos internacionais. A oportunidade de apresentar sua pesquisa em outros países, em outra língua, foi desafiadora. Mas a experiência foi tão recompensadora que fez valer a pena todos os esforços!

Já ministrou aulas em cursos universitários de biologia, enfermagem e biotecnologia. Atualmente, é professora do curso de medicina em duas universidades no Distrito Federal, sendo uma delas a UnB.

Lilian é uma das donas da patente da neurovespina, um composto criado em laboratório a partir do veneno de marimbondo. Ela começou estudando, no veneno desse inseto, a substância que paralisava a presa quando ela era picada. A intenção era descobrir um novo tratamento para a epilepsia de difícil controle. Porém, a pesquisadora observou que a substância diminuía a morte dos neurônios, o que pode ajudar em outras doenças neurológicas, como o mal de Parkinson. O “Correio Brasiliense” divulgou uma reportagem em que Lilian conta essa descoberta – foi um momento marcante em sua carreira.



Ela e sua equipe testaram várias fórmulas, fizeram modificações e, em 2014, patentearam a neurovespina. Lilian e sua colega Márcia Renata Mortari já apresentaram o trabalho em países como Estados Unidos e

Suíça. Porém, o medicamento ainda está em fase de pesquisas e, portanto, ainda não está disponível.

Quando não está trabalhando, Lilian gosta de fazer atividades físicas e viajar para conhecer novos lugares e culturas – ela sonha conhecer o mundo! Mas seu maior sonho é que, um dia, seu composto se torne um medicamento e ajude muitas pessoas, combatendo a progressão de doenças neurodegenerativas e proporcionando uma boa qualidade de vida.

Hoje, ela é uma professora orgulhosa, que se realiza ao motivar seus alunos e alunas. “Quero ser alguém que inspira”, afirma Lilian.

CRÉDITOS

AUTORES

CAMILLY VITÓRIA FREITAS
ALBUQUERQUE, 9º ANO (TEXTO)
RAPHAELA CERQUEIRA DOS SANTOS,
9º ANO (TEXTO)
VÍCTOR GABRIEL MARQUES DOS REIS,
9º ANO (ILUSTRAÇÃO)

ORIENTADORA

ELAINE CRISTINA MATOS MAGALHÃES

ESCOLA CENTRO DE ENSINO
FUNDAMENTAL 08 DO GUARÁ





LUCIANA APARECIDA ZAGO DE ANDRADE

Filha de Regina e Matheus, pessoas humildes, Luciana Aparecida Zago de Andrade nasceu em Goiânia, em 28 de abril de 1976. Morou em Gurupi (GO) e veio para Brasília (DF) com quatro anos de idade. Ela tem dois irmãos mais novos, Luís César e Carlos Cleber. Na infância, sempre gostou do contato com a natureza. Ela e o marido, Sérgio, se conheceram em uma boate e nunca mais se desgrudaram. Casados há 26 anos, têm duas filhas: Ana, de 18, e Natália, de 25.

Desde muito nova, os estudos fizeram parte da vida de Luciana de uma forma prazerosa. Ela estudou em colégios particulares na Asa Norte e, apesar de se interessar por diversos assuntos, biologia se tornou a sua paixão. Aquele prazer da infância de estar em contato com a natureza virou profissão. Ela se formou em ciências biológicas pela Universidade de Brasília (UnB), onde também se especializou e, aos 25 anos, concluiu o doutorado em ecologia.

Seus principais temas de estudo incluem o Cerrado, a recomposição após o fogo e a viabilidade de sementes. Sua pesquisa é super-relevante para promover a preservação do Cerrado, segundo maior bioma do Brasil. É de suma importância compreender como as plantas sobrevivem às queimadas; como as sementes germinam nesse tipo de solo; e como as instituições (públicas e privadas) e os próprios moradores das áreas permeadas pelo Cerrado podem contribuir para o cuidado desse território.





Durante sua trajetória, Luciana continuou cultivando o hábito de estudar, o que fez com que ela desenvolvesse diversos projetos em sua área profissional. Quando trabalhou na Empresa Brasileira de Agropecuária (Embrapa), realizou atividades de pesquisa com foco na conservação da biodiversidade da bacia do Rio Paraná. Também teve a oportunidade de trabalhar no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), onde desenvolvia relatórios com dados anuais sobre o desmatamento. Esses relatórios, feitos a partir da análise de imagens de satélites, demonstravam que alguns dos fatores associados ao desmatamento eram a pecuária, a agricultura e a extração florestal praticadas de forma não sustentável.



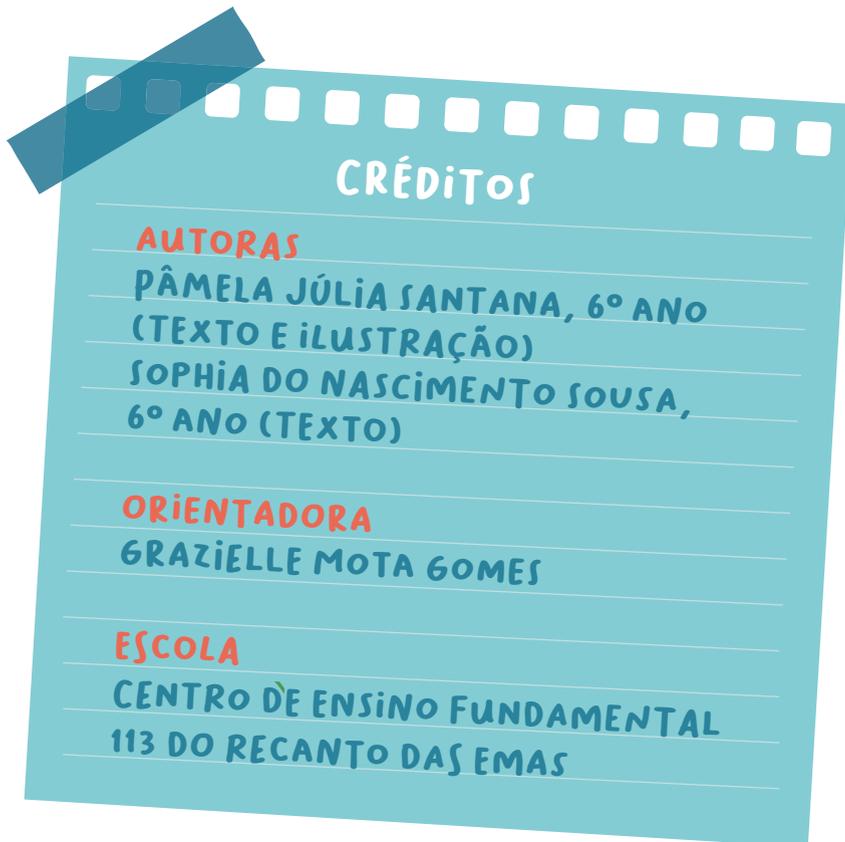
Atualmente, Luciana trabalha na Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA). Como ela costuma dizer, antes de “mexer com água”, ela “mexia com fogo”. Seus estudos sobre o Cerrado e sua recomposição após o fogo contribuíram para desmistificar a importância do fogo para manter as características do bioma. Mas atenção: ela se refere ao fogo controlado, e não às grandes queimadas devastadoras! Pois então: o fogo controlado, aplicado em áreas específicas, ajuda a regular a quantidade de material combustível, evitando a propagação de grandes incêndios.

Contribui também para devolver nutrientes ao solo, além de desempenhar um papel importante na germinação de sementes. Agora, atuando como coordenadora de Planos de Recursos Hídricos da ANA, Luciana desenvolve pesquisas que demonstram o grande valor da água como recurso necessário para a vida nos ecossistemas.

Embora Luciana seja uma amante da ecologia e tenha uma rotina intensa de trabalho, ela também tem outros prazeres na vida, como ouvir sua música preferida (“Clareou”, de Diogo Nogueira); cultivar a fé, sus-

tentáculo dos valores que ela carrega como pessoa; velejar; mergulhar com amigos; e estar em família. Luciana acredita que lealdade, fidelidade ao seu propósito de vida, amor à família e a Deus são as chaves para o sucesso e o melhor caminho para a realização pessoal.

Uma pesquisadora, moradora do Distrito Federal, que fez toda a sua formação acadêmica em uma universidade pública e se tornou doutora ainda muito jovem: contar a história de Luciana é um incentivo para jovens que pretendem seguir carreira científica e para que, cada vez mais, a mulher ocupe seu espaço na sociedade.





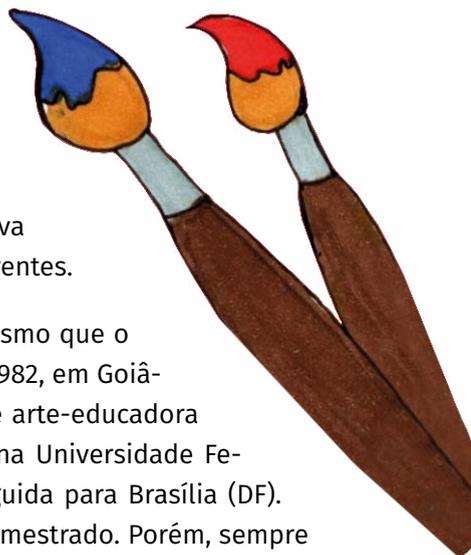
LUCIANY OLIVEIRA OSÓRIO BORGES

Sabia que arte também é ciência? O poeta alemão Goethe relacionava arte com natureza e poesia com ciência. Para ele, havia harmonia entre homem e natureza; espírito e matéria se complementavam. Goethe se negava a separar a natureza e a arte em mundos diferentes.

Luciany Oliveira Osório Borges sente o mesmo que o poeta alemão. Nascida em 15 de outubro de 1982, em Goiânia (GO), a artista visual, produtora cultural e arte-educadora se formou em licenciatura em artes visuais na Universidade Federal de Goiás (UFG), em 2005, vindo em seguida para Brasília (DF). Desde que se formou, tinha o sonho de fazer mestrado. Porém, sempre achou que aquilo não era para ela, pois não se sentia capaz.

A família de Luciany queria que ela se formasse em direito, porém esse nunca foi seu sonho. Por um tempo, teve o desejo de trabalhar na Cruz Vermelha para ajudar as pessoas, mas não como médica. A pesquisadora recorda suas memórias de infância, quando brincava com novelos de linha coloridos de sua avó materna, que aprendeu a costurar por correspondência, tornando-se tão boa costureira que, na época, trabalhava para pessoas importantes da cidade. Isso incentivou Luciany a seguir o caminho da arte, assim como o trabalho de sua mãe, que fazia lindos desenhos arquitetônicos.

Luciany também desenhava e ainda recorda os elogios que recebia da mãe e de outras pessoas, reforçando seu desejo de seguir a carreira artística. Porém, na adolescência, indecisa entre a faculdade de moda ou artes visuais, não teve apoio familiar. Segundo a pesquisadora, existia – e ainda



existe – no Brasil um preconceito em relação à escolha profissional pelo campo das artes.

Com a chegada da pandemia de covid-19, Luciany se viu presa em casa e, por ser uma pessoa que sempre buscou solucionar problemas, começou a se questionar: o que ela poderia fazer a partir daquele ponto? Por medo de não dar certo, já tinha adiado seu sonho por 16 anos, mas, naquele momento, decidiu tentar.

Para se inscrever no mestrado, leu os trabalhos de alguns amigos, inclusive de outras áreas, para ter uma ideia de como fazer. Passou o dia e a madrugada toda escrevendo. Ao finalizar seu projeto, enviou-o para a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Estadual de Goiás (UEG). Surpreendeu-se por ter sido aceita nas duas. Optou pela UnB, onde concluiu, em 2022, o mestrado em artes visuais. Hoje em dia, é orientadora da sala de altas habilidades do Centro de Ensino Médio 02 de Brazlândia.



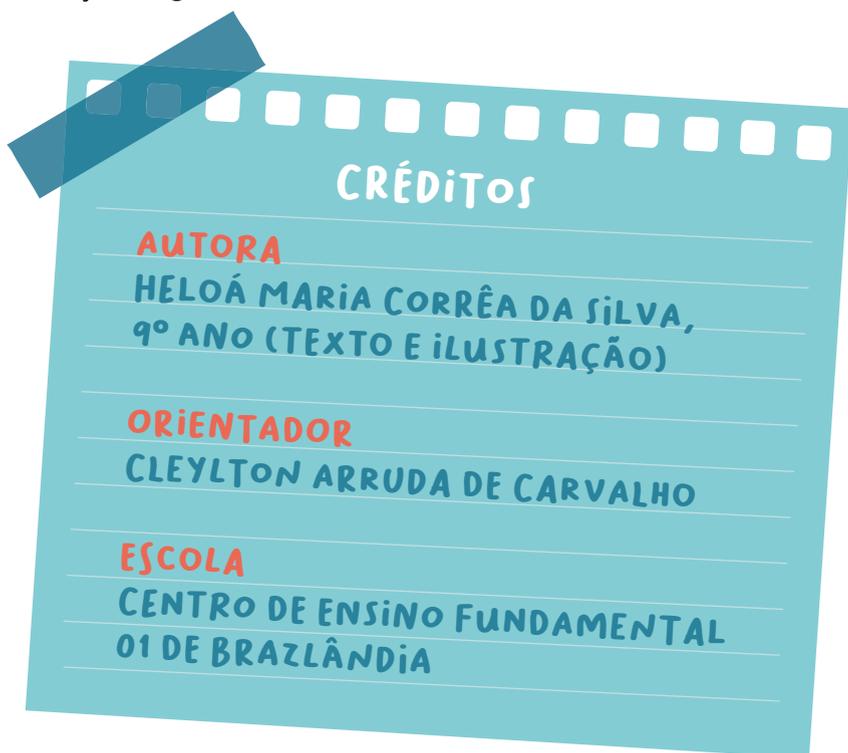
Sua pesquisa, realizada durante a pandemia, aproximou os alunos de altas habilidades e alguns artistas, como Ricardo Stuckert, Tarcísio Veloso e Charly Techio, entre outros. Foram propostos debates virtuais e os desdobramentos desses encontros foram obras criadas pelos alunos-artistas.

Em 2020, com a chegada da pandemia e todas as dificuldades enfrentadas, em especial pela área da educação, o primeiro pensamento foi de que a reclusão bloquearia a criatividade, ao tirar as fontes de inspiração que vinham da rotina e do cotidiano. Mas o projeto de Luciany ajudou os estudantes a lidarem com esse problema e se abrirem ao processo criativo durante o *lockdown*. Além disso, para Luciany, as ferramentas *on-line* também facilitaram a realização do mestrado – como moradora de Brazlândia e com filho pequeno, o deslocamento até a UnB era complicado.



Brazlândia, onde o projeto de Luciany foi desenvolvido, é uma região administrativa do DF localizada a aproximadamente 50 km do centro de Brasília, onde o acesso a cinemas, museus, bibliotecas, *shows* e teatros é limitado. Junto com essa limitação, a professora e pesquisadora aponta que faltam recursos para atender aos alunos com altas habilidades, como, por exemplo, psicólogos, o que dificulta a efetivação dos alunos e seu registro no senso.

Reconhecida nacionalmente com o prêmio Conectando Saberes da Fundação Lemman, em 2021, a pesquisa de Luciany teve muita influência na vida dos alunos-artistas participantes. Uma estudante, por exemplo, não se enxergava como pessoa negra e as atividades a fizeram refletir sobre questões como racismo e preconceito. Outros três jovens acabaram ingressando no curso de bacharelado em artes visuais na UnB. E foi assim que, na pandemia, no momento mais difícil da nossa história recente, fomos presenteados com um projeto tão relevante para Brazlândia e para a educação em geral.







MANUELITA HERMES ROSA OLIVEIRA FILHA

Docente colaboradora do curso de graduação em direito da Universidade de Brasília (UnB), Manuelita Hermes Rosa Oliveira Filha é pesquisadora na área, com foco especial em questões relacionadas à igualdade racial e justiça social. Vinda de uma família negra de Salvador (BA), ela cresceu em meio a desafios e adversidades, que se mostram maiores quando se trata de uma mulher negra no espaço da ciência e da pesquisa, mas sua determinação e paixão pelo conhecimento a impulsionaram a buscar a excelência acadêmica.

Manuelita conhece bem a força que vem do exemplo e, entre tantas mulheres que a inspiraram, destaca a admiração que, desde cedo, teve por sua mãe. A presença materna foi fonte de inspiração em âmbito familiar e profissional. “A criação que destinou aos três filhos foi singular, mas, sobretudo a mim e a minha irmã, Raquel, ela ensinou, por meio do próprio exemplo, lições de força, independência, autoestima, determinação, segurança e sensibilidade, sem as quais não teríamos como transitar com êxito em uma sociedade patriarcal”, declarou em uma reportagem publicada na página da Advocacia-Geral da União (AGU) na internet, em 2021. Manuelita é procuradora federal na AGU desde 2007.

Em relação à atuação profissional, sua mãe se formou na primeira faculdade de medicina do Brasil, em um período em que a presença feminina, notadamente de mulheres negras, era raridade. Manuelita acompanhou a dedicação de sua mãe estudando antes de cada dia de trabalho, além de sentir o carinho que vinha de seus pacientes quando ia visitá-la no trabalho. A admiração que Manuelita sempre sentiu por sua mãe é semelhante à que sentimos hoje ao contar um pouco sobre sua vida a outras meninas que sonham em se tornar mulheres donas do seu próprio futuro e ocupar lugares importantes nas ciências.



Manuelita se formou em direito na Universidade Federal da Bahia (Ufba) e, durante a graduação, fez um intercâmbio em Madri, na Espanha. Já no mestrado, na Itália, ela analisou, por meio de um estudo comparado, a liberdade de circulação de trabalhadores na União Europeia e no Mercado Comum do Sul, o chamado Mercosul. A análise abordou, em especial, questões relacionadas à seguridade social e à cidadania.

No doutorado, ela esteve como pesquisadora visitante em instituições da Alemanha e da França, e obteve o título de doutora de forma concomitante por uma universidade italiana e pela UnB. Além do português, ela é fluente em espanhol, italiano, francês e inglês, e ainda fala um pouco de alemão. Sua tese, defendida em 2022, abordava o Supremo Tribunal Federal (STF) e comparações com práticas e decisões de tribunais de outros países. Em 2023, o nome da ilustre baiana integrou a lista de juristas cotadas para ocupar a cadeira de ministra do STF.

Desde cedo, Manuelita demonstrou um interesse profundo em compreender as complexidades do sistema jurídico e sua interseção com as questões raciais. Ao longo de sua trajetória, ela tem se destacado por sua atuação na defesa dos direitos das comunidades marginalizadas e na busca por políticas públicas mais inclusivas. Sua trajetória acadêmica e ativismo têm inspirado muitas pessoas a se engajarem na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.



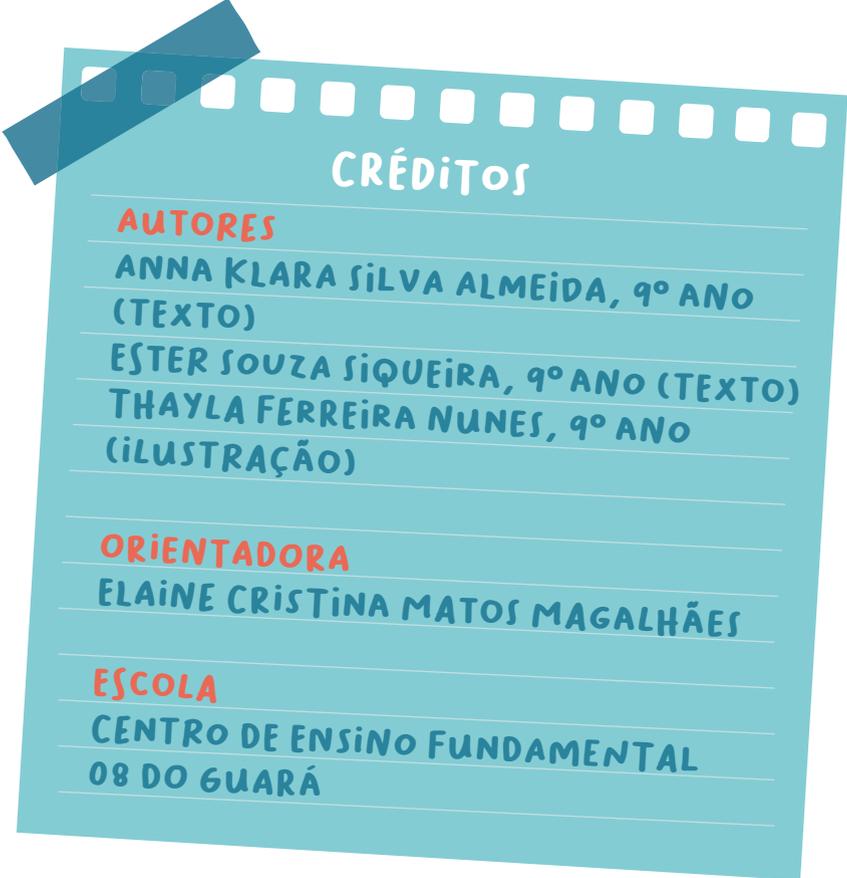
Além de sua atuação como pesquisadora e defensora dos direitos humanos, Manuelita também é reconhecida por seu compromisso com a educação e o empoderamento das futuras gerações. Ela frequentemente participa de palestras, *workshops* e iniciativas comunitárias, compartilhando seu conhecimento e experiência para inspirar e capacitar outras pessoas a fazerem a diferença em suas comunidades.

“Eu sempre falo que a minha caminhada é uma caminhada coletiva. Por mais que existam momentos de solidão, pois estudar é um ato de solidão, sentar-se com um livro e absorver seu conteúdo é algo que se faz sozinha, mas eu trago muita gente comigo”, disse em reportagem no portal “Metrópoles”, em 2023. “Trago essa representatividade das mulheres, das mulheres negras e também de muitas pessoas da minha família. Eu sempre me lembro das minhas ancestrais, das minhas avós.”



Sair da Bahia e de casa foi um ato de coragem para Manuelita, porque ela deixou o conforto e a segurança de sua família para ir em busca de seus sonhos. Ela encontrou forças na sua ancestralidade, principalmente na mãe e nas avós, para superar momentos de dificuldades. Todas as críticas que recebeu durante sua trajetória ela encarou de cabeça erguida, porque as mulheres da sua família sempre a empoderaram. Sonhar é mais fácil quando nos enxergamos em mulheres como ela e contar a sua história é uma forma de tornar a realização desse sonho mais próximo para outras meninas.





CRÉDITOS

AUTORES

ANNA KLARA SILVA ALMEIDA, 9º ANO
(TEXTO)

ÉSTER SOUZA SIQUEIRA, 9º ANO (TEXTO)

THAYLA FERREIRA NUNES, 9º ANO
(ILUSTRAÇÃO)

ORIENTADORA

ELAINE CRISTINA MATOS MAGALHÃES

ESCOLA

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL
08 DO GUARÁ



MARIA CLOTILDE HENRIQUES TAVARES

Apaixonada por seu estado natal, a Paraíba, e por tudo o que compõe a cultura nordestina, Maria Clotilde Henriques Tavares nasceu em João Pessoa, em 19 de novembro de 1967. Filha de Solange e Henrique, é esposa de Carlos Tomaz, com quem tem uma filha, Maria Fernanda, de 14 anos. Sua infância e uma parte de sua juventude foram no Nordeste, desfrutando de sua família e brincando bastante com seus primos. Um de seus brinquedos favoritos era um macaquinho que ela ganhou, salvo engano, de seu tio. Ela amava os animais, especialmente o macaco, que, no futuro, viria a se tornar parte de sua principal pesquisa.

Maria Clotilde sempre gostou de estudar. Na juventude, almejava fazer medicina, mas seu pai não concordava, pois não tinha esse curso em nenhuma faculdade próxima ao local onde moravam, só em cidades mais distantes. Então, ela optou por seguir os caminhos de sua mãe e prestou vestibular para serviço social. Estudou, passou e chegou a realizar quase todos os semestres do curso, mas, em certo momento, já não conseguia se identificar nem se enxergar sendo uma assistente social, embora seja uma profissão muito importante. A reviravolta na vida de Maria Clotilde começou nesse momento.

Ela desistiu de se tornar assistente social e começou a cursar psicologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no período de 1986 a 1989. Foi aí que se apaixonou por neurociência e comportamento humano e dos primatas. Em 1990, teve a oportunidade de iniciar



seu mestrado na Universidade de Brasília (UnB) e, em 1997, foi a vez do doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Mais recentemente, em 2022, concluiu uma especialização em musicoterapia.

Como pesquisadora, seus estudos contribuem para a compreensão de como os processos cognitivos são percebidos e vividos pelos seres humanos e pelos primatas não-humanos. Maria Clotilde teve a chance de estudar seu animal favorito: o macaco! Sua paixão por este primata permeou toda a sua infância e a acompanha até hoje em sua profissão. Quando criança, muito curiosa, chegou até a levar uma mordida de um macaco-prego, o que a deixou ainda mais fascinada por este animal, que dispõe de uma inteligência fora de série e é capaz de realizar certas atividades como os seres humanos.

As pesquisas realizadas por Maria Clotilde, especialmente sobre o comportamento do macaco-prego, são relevantes para a sociedade e o meio ambiente, pois este animal perspicaz é importante para a conservação de espécies arbóreas – ele é um espalhador de sementes de árvores de grande porte e, também, colabora para o equilíbrio da cadeia alimentar. Atualmente, a pesquisadora também atua na área de musicoterapia, pesquisando e desenvolvendo projetos que comprovam que a música tem grande influência na mente das pessoas, podendo ser usada até para resgatar memórias perdidas ao longo da vida, seja por algum trauma ou outro motivo.



Com mais de 70 artigos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais, Maria Clotilde é professora titular do Laboratório de Neurociência e Comportamento do Instituto de Ciências Biológicas da UnB. Nordestina, nascida e criada na Paraíba, ela se encantou pelo “quadrado” mais famoso do Brasil e, hoje, também

é apaixonada por Brasília (DF). Em seu tempo livre, ama ouvir sua música preferida, “El Reloj”, de Luis Miguel, cantor conhecido, especialmente, pelo bolero e pela música romântica. A pesquisadora acha muito importante cultivar a fé e, para ela, ser honesto e ter caráter são valores fundamentais na vida.

CRÉDITOS

AUTORES

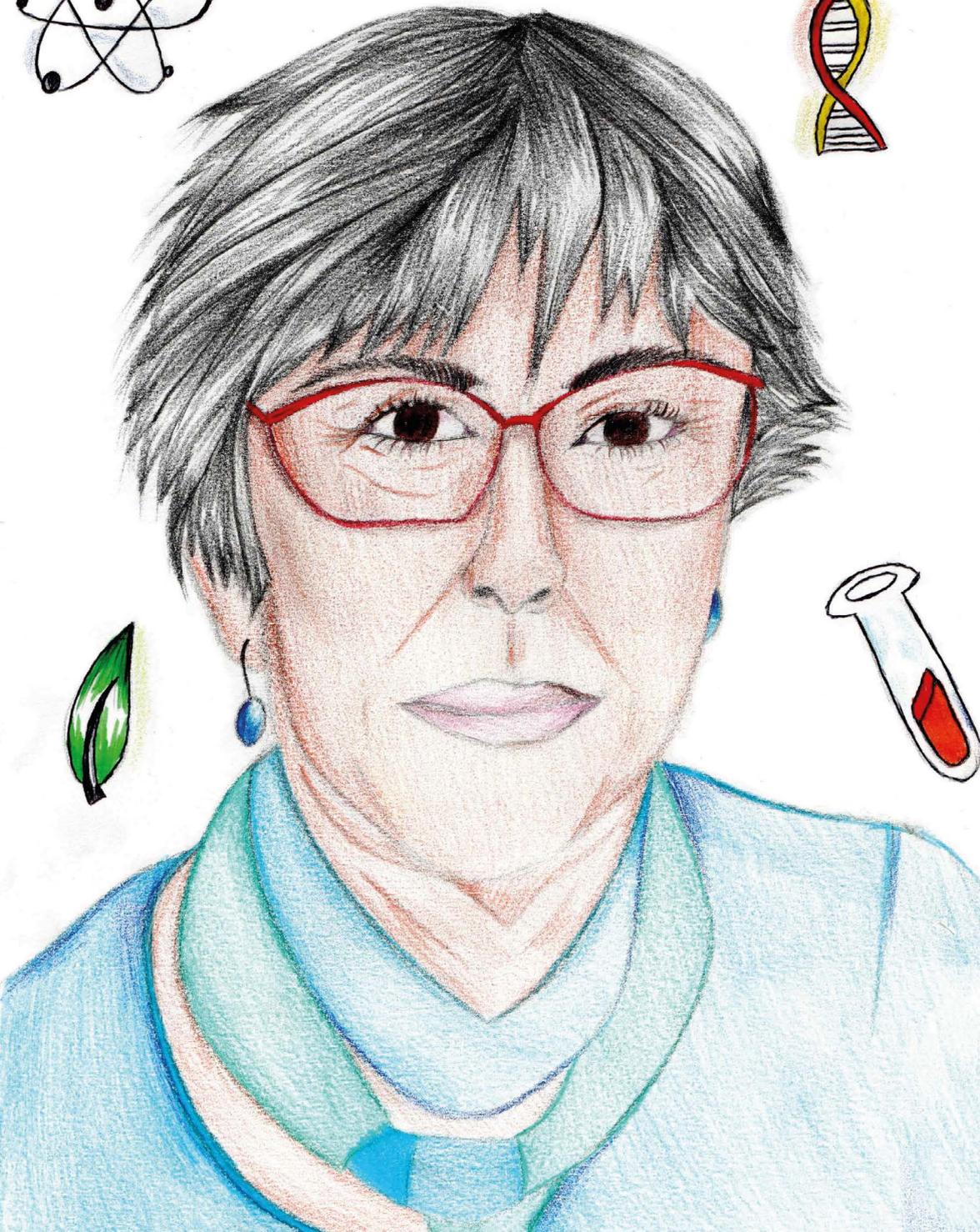
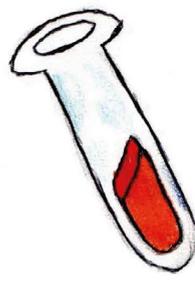
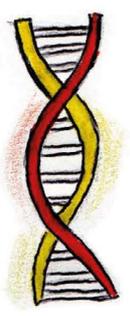
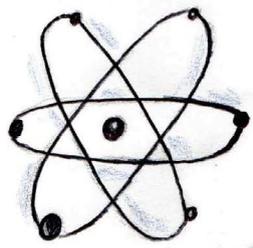
MARIA EDUARDA OLIVEIRA ARAÚJO,
6º ANO (TEXTO E ILUSTRAÇÃO)

MIGUEL GASPAR MENEZES, 6º ANO
(TEXTO E ILUSTRAÇÃO)

ORIENTADORA

GRAZIELLE MOTA GOMES

ESCOLA CENTRO DE ENSINO
FUNDAMENTAL 113 DO RECANTO
DAS EMAS



MERCEDES MARIA DA CUNHA BUSTAMANTE

Enchentes, queimadas e outros desastres em ampla escala têm tomado cada vez mais os noticiários. A poluição, a expansão das grandes cidades e a destruição de vegetações naturais para dar lugar a vastas plantações de monoculturas aceleram as mudanças climáticas. Cientistas já vêm nos alertando há muito tempo sobre os perigos da destruição da natureza. Pesquisadores no Brasil e no mundo têm trabalhado e desenvolvido estudos sobre esse tema, tentando preservar o meio ambiente e retardar os efeitos dessas mudanças. Mulheres têm se destacado nessa área. Dentre essas vozes, está a professora e pesquisadora Mercedes Maria da Cunha Bustamante, uma das maiores autoridades do país sobre mudanças climáticas e referência mundial na área de ecologia de ecossistemas e biodiversidade, com inúmeros artigos científicos publicados em revistas internacionais de grande alcance.

Filha de mãe mineira, nasceu em 1962, em Santiago, no Chile, e veio para o Brasil com apenas sete anos de idade. Primeiro, morou no Rio de Janeiro, onde fez sua graduação em ciências biológicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Depois, fez o mestrado em ciências agrárias na Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais. Por fim, fez seu doutorado em geobotânica na Alemanha. A história de Mercedes no Distrito Federal se iniciou em 1993, quando se mudou para trabalhar como professora visitante na Universidade de Brasília (UnB). Seu primeiro contato com o Cerrado aconteceu assim que chegou, fazendo uma viagem com colegas botânicos em direção ao Mato Grosso, onde se encantou com as plantas que via no caminho.

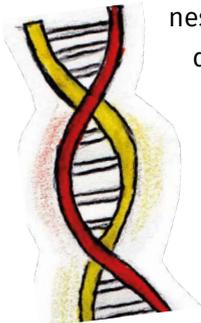


Desde então, sua pesquisa se concentra, principalmente, na ecologia



de ecossistemas terrestres, com um foco particular no Cerrado. Ela tem sido pioneira no estudo dos impactos das mudanças climáticas e do uso da terra nesse bioma, o segundo maior do Brasil, com alta diversidade de animais e plantas, mas também um dos mais ameaçados pela ação humana. Como professora e pesquisadora da UnB, Mercedes fez e ainda faz inúmeras pesquisas voltadas para a preservação do Cerrado, contribuindo para o conhecimento e a manutenção de sua biodiversidade. Além disso, tem desempenhado um papel fundamental na formação de novos cientistas e na conscientização sobre a importância da conservação dos ecossistemas brasileiros.

Mercedes também atua no Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) e no Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC), importantes organizações dedicadas à preservação ambiental e a ações voltadas para a redução dos impactos das mudanças climáticas. Com seu trabalho, ela se tornou uma das mulheres mais importantes nessa área no Brasil. Em 2023, tomou frente como presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão responsável por impulsionar a pesquisa científica no Brasil, fornecendo bolsas de estudos para milhares de mestrandos e doutorandos em todo o país. Mercedes foi a quinta mulher a assumir a direção da entidade.



Em algumas entrevistas, Mercedes comenta as dificuldades de ser uma mulher pesquisadora no Brasil, destacando como ter exemplos de outras mulheres foi importante para seguir seu caminho na ciência. No meio acadêmico, a voz da mulher ainda não é ouvida. Em reuniões, por exemplo, as opiniões de uma pesquisadora são menos consideradas do que as de um cientista homem, o que escancara o machismo persistente nesse meio. Às vezes, uma pesquisadora apresenta uma ideia que não é levada em conta ou nem mesmo ouvida com atenção; em outro momento, um pesquisador homem apresenta a mesma ideia e esta é aceita e aplaudida. Financeiramente também ainda há um enviesamento, em que homens conseguem mais recursos para

pesquisas do que mulheres. Mercedes tem lutado contra isso desde a sua entrada na universidade, impondo-se e fazendo sua voz ser ouvida, além de abrir oportunidades e incentivar alunas aspirantes na ciência.

Reconhecida por sua liderança acadêmica, ela acumula diversos prêmios e condecorações ao longo de sua vida profissional. Em 2018, por exemplo, recebeu a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico, concedida a personalidades brasileiras e estrangeiras por suas contribuições para o desenvolvimento da ciência no Brasil. Em 2020, foi uma das cientistas mais citadas do mundo pelo portal *Web of Science*. Mercedes também foi eleita para as Academias Brasileira e Mundial de Ciências. Com suas pesquisas e ativismo, ela tem sido exemplo e inspiração para mulheres e meninas que querem, um dia, ser cientistas.



CRÉDITOS

AUTORA

MANUELLA PEREIRA DA SILVA, 6º ANO
(TEXTO E ILUSTRAÇÃO)

ORIENTADOR

ELIEL DE JESUS AMARAL

ESCOLA

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL
10 DE TAGUATINGA



PRISCILA MONTEIRO KOSAKA



Imagine poder descobrir um câncer antes mesmo de aparecer qualquer sintoma, sem precisar fazer biópsia ou passar por procedimentos complicados. Isso ajudaria muito no tratamento! Os primeiros passos nessa direção foram dados por uma brasileira, a cientista Priscila Monteiro Kosaka, que trabalha no Instituto de Microeletrônica de Madri, na Espanha.

Priscila era uma criança muito curiosa – ela arrancava a cabeça das bonecas para ver o que tinha dentro! Queria ser médica, arquiteta, poeta (e até ganhou um concurso de poesia na escola). Mas acabou escolhendo a química como profissão, com graduação pela Universidade de Brasília (UnB) e doutorado pela Universidade de São Paulo (USP).

Como pesquisadora, Priscila criou um sensor muito sensível que consegue detectar o câncer com um simples exame de sangue, usando uma técnica chamada bioreconhecimento, que também pode ser empregada para diagnosticar outras doenças, como hepatite e Alzheimer. Esse sensor é muito inovador porque é capaz de identificar uma amostra muito pequena no meio de milhares de células, algo que nenhum outro conseguia fazer. Ele funciona como um mini-trampolim com anticorpos na superfície. Quando esses anticorpos ‘captam’ a presença do câncer na amostra de sangue, eles reagem e ficam mais pesados. A superfície do trampolim, então, muda de cor e brilha muito, como se fosse uma árvore de Natal.





O resultado de Priscila é uma conquista que ilustra como as mulheres têm feito grandes descobertas, com pesquisas que trazem novas ideias e soluções para problemas difíceis. Antigamente, a maioria dos cientistas era homem, mas agora já está demonstrado que as mulheres podem fazer coisas incríveis também. Priscila é um exemplo de como a diversidade no campo científico pode levar a avanços importantes: ter mais mulheres na ciência significa ter diferentes perspectivas e maneiras de pensar os problemas, o que é crucial para a inovação. Assim como Priscila, muitas outras mulheres ao longo da história têm contribuído para o progresso da ciência em todas as áreas do conhecimento.

Dentre as pioneiras, está Marie Curie (1867-1934), uma das cientistas mais famosas da história, que fez descobertas revolucionárias no campo da radioatividade. Suas pesquisas abriram caminho para tratamentos de câncer que são usados até hoje. Mais recentemente, as cientistas Emmanuelle Charpentier e Jennifer Doudna ganharam o Prêmio Nobel de 2020 por desenvolverem uma técnica de edição do genoma que tem o potencial de curar doenças genéticas.

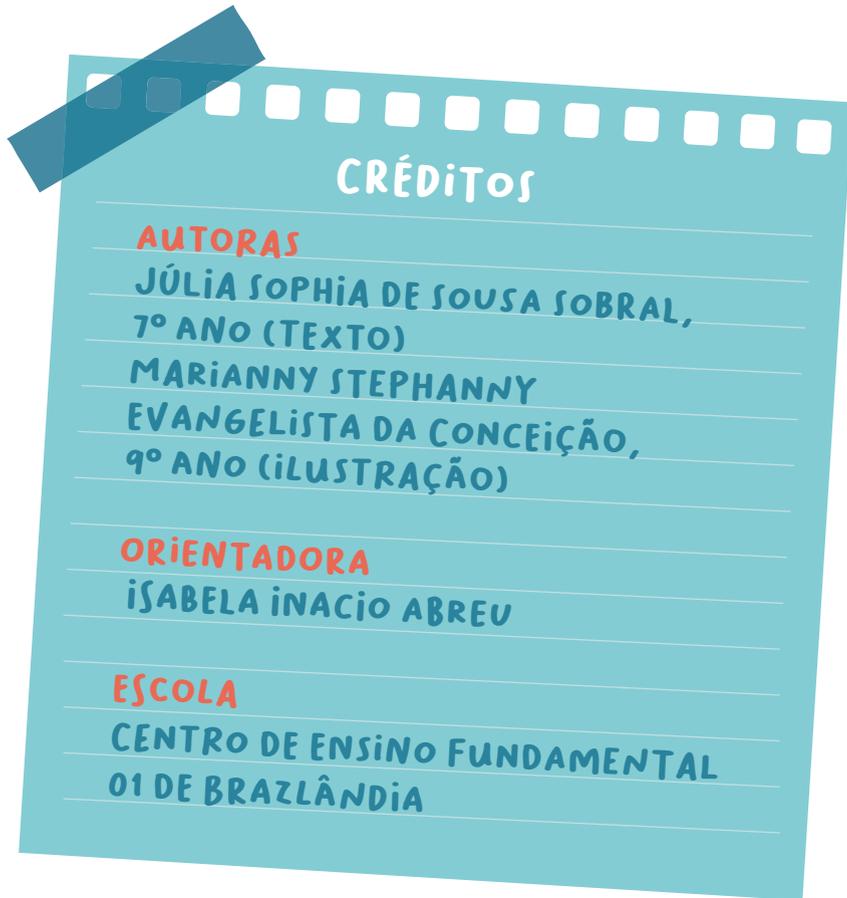
De acordo com Priscila, a representação feminina na ciência pode inspirar outras meninas a seguirem o mesmo caminho. As histórias de sucesso de mulheres cientistas ajudam a quebrar estereótipos e provar que todos podem contribuir para o avanço da ciência. Inclusive, estudos apontam que equipes diversas são mais inovadoras e produzem resultados mais robustos. Portanto, aumentar a participação feminina na ciência beneficia toda a sociedade.



Por isso, é essencial que meninas e mulheres continuem a ser incentivadas a estudar ciências. Nas escolas e universidades, elas devem ter acesso às mesmas oportunidades que os meninos. Programas de mentoria e bolsas de estudo específicas para mulheres podem fazer uma



grande diferença, ajudando-as a seguir carreiras científicas. Promover a equidade de gênero na ciência é investir em um futuro com mais inovação, saúde e bem-estar para todos.



CRÉDITOS

AUTORAS

JÚLIA SOPHIA DE SOUSA SOBRAL,
7º ANO (TEXTO)

MARIANNY STEPHANNY
EVANGELISTA DA CONCEIÇÃO,
9º ANO (ILUSTRAÇÃO)

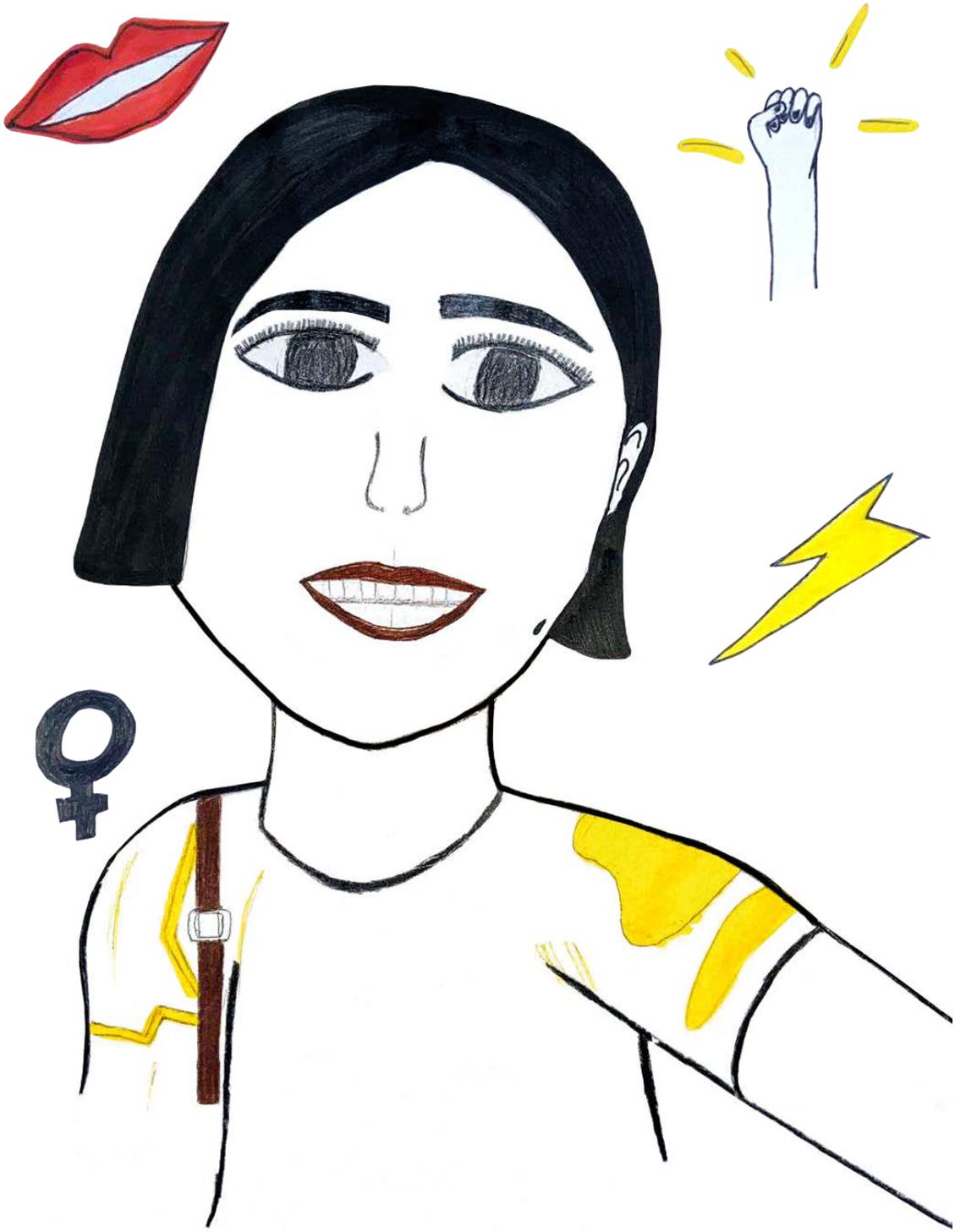
ORIENTADORA

ISABELA INACIO ABREU

ESCOLA

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL
01 DE BRAZLÂNDIA





RÚBIA ESTEFÂNIA PINTO DA SILVA



Rúbia Estefânia Pinto da Silva nasceu em 14 de agosto de 1981, em Belo Horizonte (MG). Filha de Marcos e Maria das Graças, cresceu em Minas Gerais e veio para o Distrito Federal (DF) em 1990. Desde então reside no famoso “quadrado”. Quando criança, estudou na escola Tio Patinhas e sua infância foi marcada por bons momentos, com sua irmã mais nova e seus primos. Porém, o contexto familiar de Rúbia era um ambiente machista, o que a impulsionou a estudar sobre temas como feminismo e desigualdade, influenciando totalmente a sua forma de pensar e enxergar o ser mulher. Rúbia é casada com Antônio. Os dois são professores e têm um filho de oito anos, chamado Júlio César.

Em 2005, Rúbia se formou em ciências biológicas pela Faculdade da Terra de Brasília, uma instituição que não existe mais. Em 2014, começou a trabalhar na Secretaria de Educação do DF como professora efetiva, mas, antes disso, trabalhou como vendedora em uma loja do Alameda Shopping, na região administrativa de Taguatinga (DF). Em 2021, Rúbia iniciou seu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, está cursando o doutorado e sua tese tem como tema desigualdades, lutas e políticas na educação científica. A partir de sua formação e posicionando-se como uma mulher feminista, Rúbia defende a educação como a chave que abre portas para novas possibilidades e melhores oportunidades, ainda mais para mulheres, que constantemente sofrem diferentes formas de violência.

Desde cedo, Rúbia enxergou o estudo como algo necessário para que ela pudesse alcançar os espaços que desejava. Hoje, atua como supervisora pedagógica em uma escola





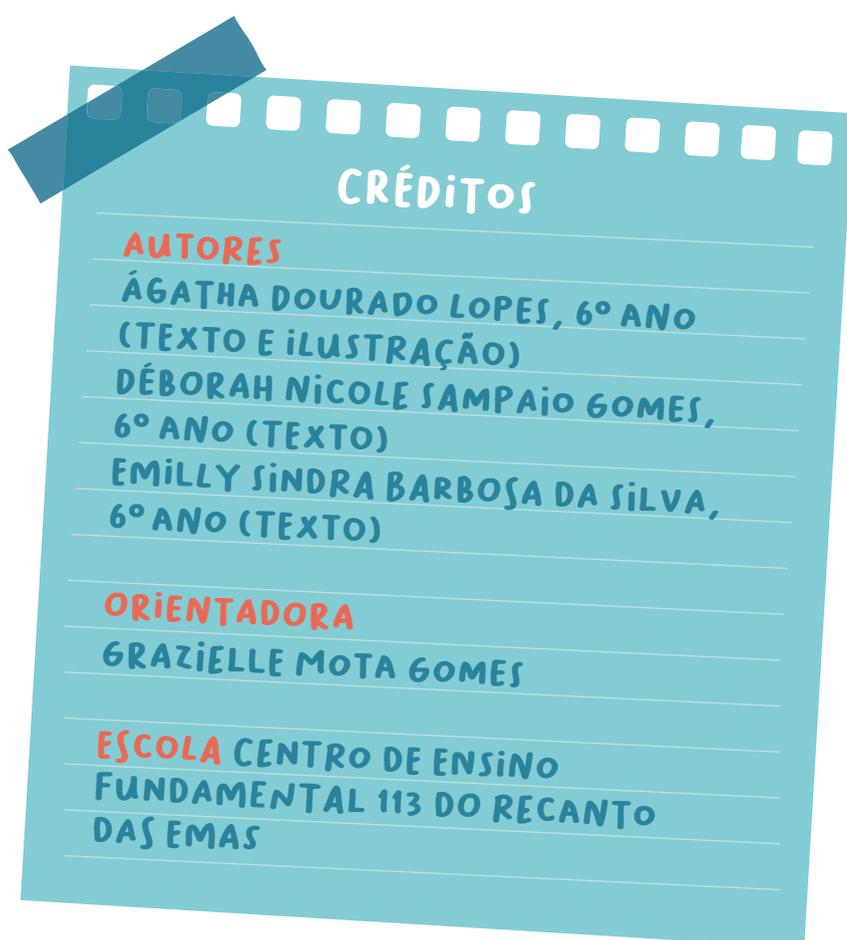
do Recanto das Emas (DF), onde realiza projetos de forma lúdica, com práticas que contribuem para o desenvolvimento dos alunos no quesito aprendizagem e, também, para o conhecimento deles sobre a sociedade. Muitos vivem em um contexto que, diversas vezes, impossibilita a reflexão sobre quem eles são e o que podem fazer para mudar a realidade.



Em sua dissertação de mestrado, Rúbia desenvolveu um projeto com foco na formação e capacitação de professores de ciências – para ser alguém que, de fato, promove a igualdade entre homens e mulheres, é necessário não só falar, mas também agir. Ela criou um jogo chamado “Qual cientista eu sou?”, com o objetivo de apresentar mulheres cientistas brasileiras e suas formas de contribuição para a sociedade. Esse jogo apresenta pesquisadoras que muitos alunos nem conhecem e, ainda, possibilita o empoderamento feminino, mostrando que fazer ciência não é coisa só de homem: todas as meninas e mulheres são capazes; afinal, lugar de mulher é onde ela quiser.

Em suas horas vagas, o passatempo predileto de Rúbia é assistir a filmes da Netflix, deitada em sua cama, desfrutando de um bom brigadeiro, ainda mais se esse filme for “O Sorriso de Mona Lisa”, o seu favorito. Além disso, ela ama ouvir música; sua canção predileta é “*Like a Prayer*”, de Madonna.

De acordo com Rúbia, todos os esforços são válidos para que a sociedade tenha uma base menos machista. Ela imagina que, daqui a dez anos, ela já esteja aposentada, mas pretende continuar contribuindo para que mais mulheres tenham oportunidade de quebrar ciclos e viver de forma plena e independente, e para que as novas gerações de meninas tenham um futuro melhor.



CRÉDITOS

AUTORES

ÁGATHA DOURADO LOPES, 6º ANO
(TEXTO E ILUSTRAÇÃO)

DÉBORAH NICOLE SAMPAIO GOMES,
6º ANO (TEXTO)

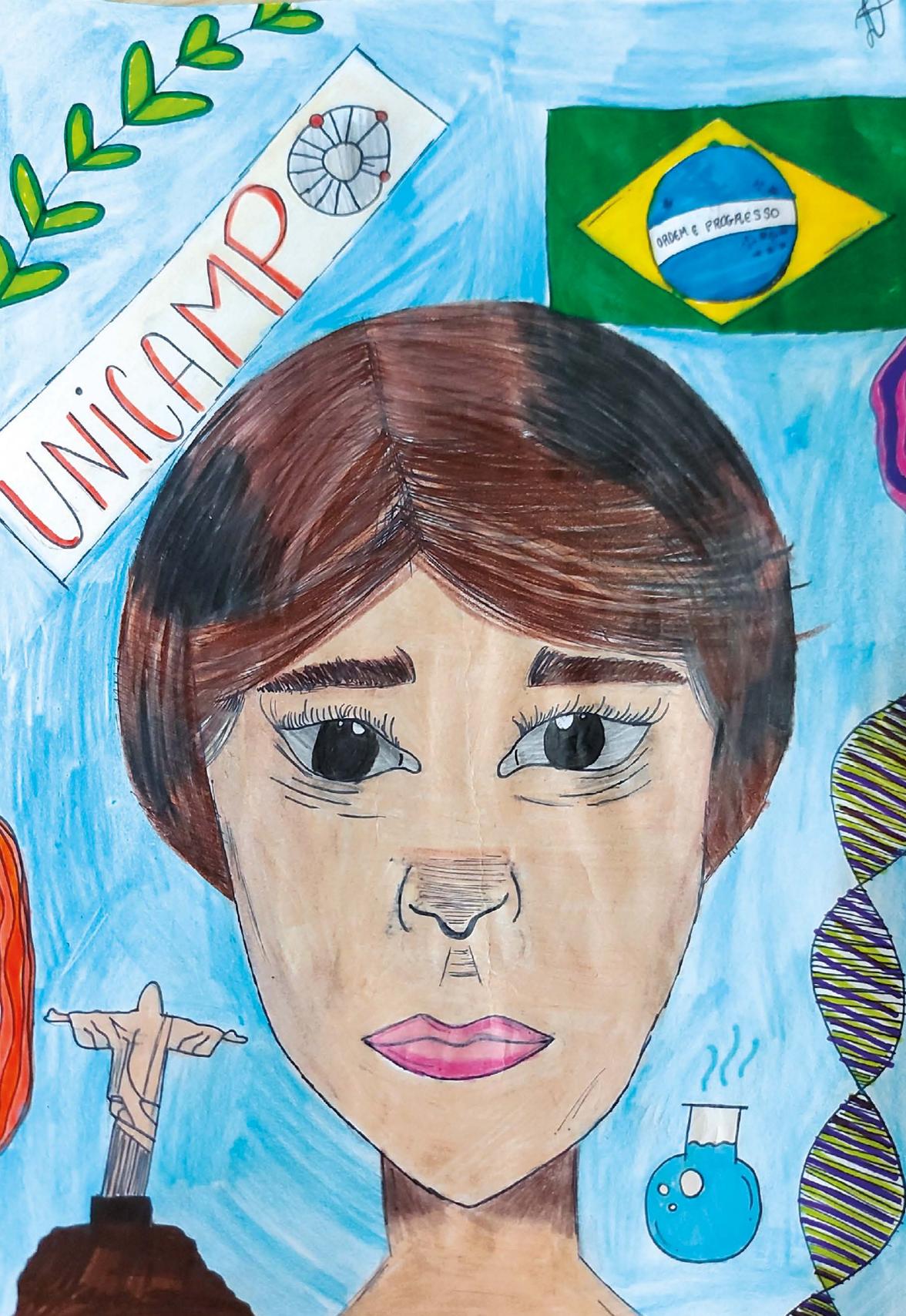
EMILLY SINDRA BARBOZA DA SILVA,
6º ANO (TEXTO)

ORIENTADORA

GRAZIELLE MOTA GOMES

ESCOLA CENTRO DE ENSINO
FUNDAMENTAL 113 DO RECANTO
DAS EMAS





UNICAMP

ORDEN E PROGRESSO

SÔNIA NAIR BÃO

Professora titular na Universidade de Brasília (UnB), Sônia Nair Bão, hoje com mais de 60 anos, teve uma vida bem difícil para poder estudar. Quando era pequena, no ensino primário (anos iniciais do ensino fundamental), estudava em uma escola onde havia apenas uma professora para crianças de quatro séries diferentes, todas na mesma sala, lá no interior do Rio Grande do Sul. No ensino médio, foi para uma escola técnica que tinha um curso chamado Economia Doméstica. Após uma conversa com a avó, foi a única maneira que Sônia conseguiu de convencer seu pai a deixá-la sair do interior e morar na cidade para estudar.

Mais tarde, ela ingressou em uma universidade particular, onde fazia licenciatura em biologia à noite, porque durante o dia trabalhava para pagar os estudos. “Eu não queria ter a mesma vida de dona de casa da minha mãe e, na minha família, não tinha muita opção para sair desse cenário. Então, eu sabia que precisava estudar para ganhar meu dinheiro”, contou em uma reportagem do portal “Metrópoles”.

Sônia se formou em ciências biológicas na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), em 1982. Depois, fez mestrado em biologia celular e estrutural na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1987, e doutorado em biofísica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1992.

Ela é muito importante em sua área de pesquisa, tendo uma bolsa de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), concedida a pesquisadores que se destacam. Além disso, faz parte do comitê da área interdisciplinar da Coordenação de





Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e já foi membro do comitê de morfologia do CNPq, responsável por avaliar e selecionar projetos de pesquisa relacionados ao assunto.

A professora Sônia tem muita experiência em morfologia (estudo da forma dos seres vivos) e trabalha, principalmente, com temas como reprodução, microscopia e nanobiotecnologia (ciência que estuda a fabricação e o processamento de materiais muito pequenos com aplicações biológicas). Hoje em dia, ela pesquisa tratamentos para o câncer de mama.

Para Sônia, estudar era a única maneira de ser independente e escapar da desigualdade. Na faculdade de biologia, a turma dela tinha mais mulheres do que homens. No mestrado e no doutorado, a quantidade de homens e mulheres era mais ou menos igual. Mas, conforme a carreira dela foi avançando, o número de mulheres foi diminuindo. “Quanto maior o nível, mais restrito fica o ambiente”, disse na entrevista ao “Metrópoles”. Sônia é pesquisadora 1A do CNPq, a categoria mais alta. Na UnB, apenas sete dos 22 pesquisadores com essa classificação são mulheres.

Sônia considera fundamental envolver os jovens na construção de um futuro melhor. “Se eu pudesse dar uma mensagem aos jovens, seria para nunca desistirem de nada e não terem medo de ser diferentes”, disse a professora em uma entrevista disponível no YouTube. “Jovens, estudem, sejam persistentes e nunca desistam. O futuro está nas mãos de vocês. Cada um tem que fazer a sua parte, pensando não só em si mesmo, mas na sua família, na sociedade e no mundo. Precisamos resgatar o brilho nos olhos, a curiosidade e a vontade de aprender coisas novas. Isso só pode ser feito juntos, com as gerações mais velhas e os jovens trabalhando lado a lado.”



A trajetória de Sônia mostra a importância de ter esperança, ser persistente, lutar pelo que se quer e fazer o melhor para si e para o mundo ao seu redor. A pesquisadora acredita naquele velho ditado de que, de grão em grão, a galinha enche o papo. Então, cada um deve fazer a sua parte e não desistir na primeira dificuldade. O professor Wanderley de Souza, que foi orientador de Sônia, costumava dizer que o 'não' é sempre garantido, mas, se você não tentar, nunca vai saber se poderia obter um 'sim'. E este 'sim' pode fazer toda a diferença na sua vida.



CRÉDITOS

AUTORAS

HELENA OLIVEIRA DE ALMEIDA, 6º ANO (TEXTO)

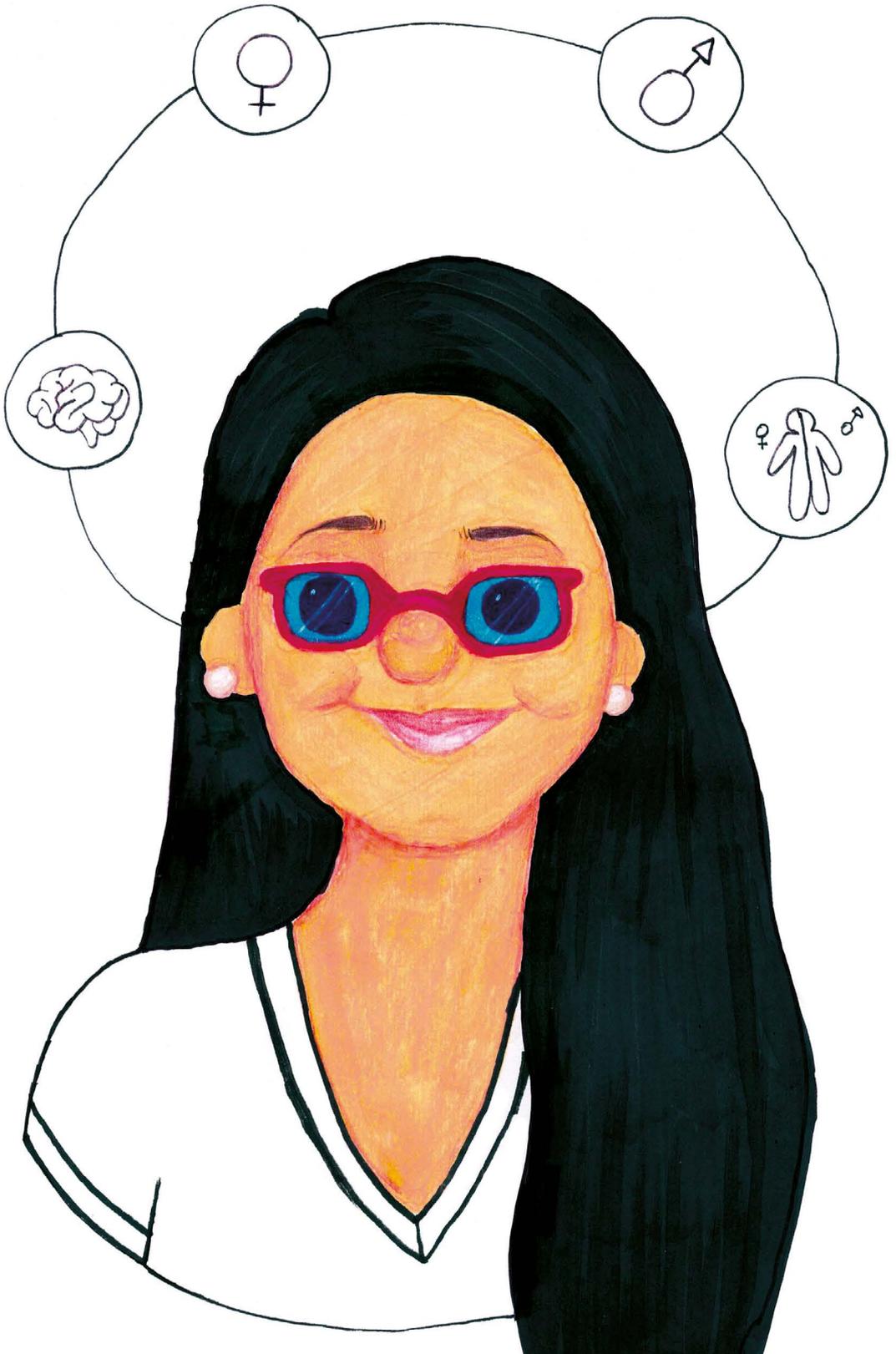
LARA ISABELLY RIBEIRO OLIVEIRA, 6º ANO (ILUSTRAÇÃO)

ORIENTADOR

ANDRÉ RICÁSSIO CAMPELO NUNES

ESCOLA

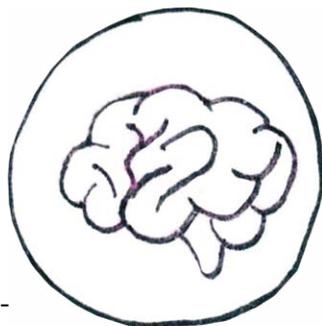
CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL
01 DE BRAZLÂNDIA



VALESKA ZANELLO

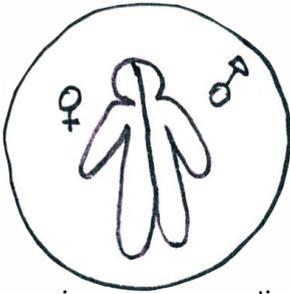
No planalto central, em pleno Cerrado brasileiro, vive Valeska Zanello, uma pesquisadora que inspira muitas gerações de mulheres. Sua imagem nada condiz com aquele estereótipo clássico de cientista, que usa jaleco, faz misturas de substâncias coloridas, descobre a cura de doenças ou cria aparatos tecnológicos malucos! O único acessório diferente que ela usa são charmosos óculos vermelhos, que também podem ser de qualquer outra cor. Afinal, como aprendemos com ela, somos livres para usarmos a cor que quisermos.

Como instrumentos de trabalho, ela só precisa de seus livros, suas anotações e sua vasta experiência de observação do mundo. Nessas observações, estão incluídas as relações entre as pessoas com quem ela convive ou já conviveu e, também, aquelas de que teve conhecimento por meio de suas pesquisas, seja no Brasil ou em outros países. Ela gosta de se inquietar com temas cotidianos, que impactam a vida de todo mundo. Já conseguiu adivinhar o que ela estuda?



Nascida em Brasília, em 1974, ainda criança, Valeska sentia certo incômodo com as expectativas que construía sobre ela pelo simples fato de ser menina. Enquanto a maioria das colegas brincava com bonecas e sonhava apenas com casamento e maternidade, ela era curiosa e tinha desejos considerados pouco convencionais: queria ser arqueóloga, fotógrafa da revista “National Geographic”, viajar pelo mundo... Sempre quis ser aventureira!

Ela pensava que tinha algum problema e só começou a acreditar que tudo o que sonhava poderia ser possível quando entrou na universidade. Antes de escolher sua profissão, porém, teve muitas dúvidas. Astrofísica? Biologia? Psicologia? O que será que ela escolheu? Quando era adolescen-



ci -

te, sua melhor amiga faleceu em um acidente de carro. Foi um choque enorme, que deixou Valeska muito triste. Na terapia, começou a perceber o efeito que as palavras tinham sobre ela. “Como pode uma conversa ser responsável pela melhora de alguém? Como pode a palavra curar o sofrimento?”, questionava-se, sem entender exatamente por que ou como isso acontecia. E foi assim que decidiu estudar psicologia!

Porém, já na universidade, não conseguia se encaixar nas teorias que estudava. Muitas eram machistas – formulações de homens que falavam sobre as mulheres. E o pior de tudo: tratavam os sofrimentos delas de um modo ruim, muitas vezes, colocando-as como culpadas pelo que sentiam. Não existiam muitas formulações de mulheres falando sobre elas mesmas. “E se nós escrevêssemos sobre nossas próprias experiências?”, animou-se.

No final do curso de psicologia, Valeska fez uma disciplina de filosofia e se encantou! As possibilidades para ela seguir formulando suas próprias inquietações se ampliaram. Já no curso de filosofia, teve contato com as teorias feministas e isso foi um divisor de águas em sua trajetória pessoal e profissional.

Como psicóloga e filósofa formada pela Universidade de Brasília (UnB), dá para imaginar que Valeska gosta muito de ler. E, de fato, sua biblioteca é gigante! Ela sempre gostou de se manter informada sobre os mais diversos assuntos. Seu amor pela leitura já a levou a estudar em outros países, como Bélgica e Canadá. Graças à ciência, portanto, ela conseguiu seguir seu desejo de ser aventureira!

Pela formação de Valeska, também dá para imaginar que ela deve ajudar pessoas que enfrentam algum problema de saúde mental. Esta afirmação não é incorreta, mas está incompleta. Pense naquele dia em que você está triste, ansiosa e improdutiva. Será que isso tem a ver apenas com você, com a sua família e o seu corpo biológico? Ou será que outras

questões sociais podem contribuir para esses sentimentos? Será que somos levados a aprender e repetir certos padrões de comportamento e sofrimento da nossa cultura? Valeska faz uma crítica ao modo como somos moldados pelas expectativas da sociedade e convida à reflexão sobre as raízes do mal-estar que vivenciamos.

Diferentes partes da nossa identidade (como gênero, raça, etnia, classe social etc.) se cruzam e influenciam a forma como vivemos e somos tratados na sociedade. Uma pessoa pode ser afetada de muitas maneiras por ser mulher e, ao mesmo tempo, por ser negra. Essas partes da identidade não existem separadamente – elas se combinam e criam experiências únicas de vida.

Em relação ao gênero, é como se a sociedade ensinasse meninos e meninas a serem de um jeito específico, o que pode limitar quem realmente somos e como nos sentimos. Você já parou para pensar como a vida pode ser diferente para homens e mulheres? Que tipo de expectativas comumente temos em relação a cada um? E se uma pessoa se desviar dessa expectativa, o que acontece? No amor, no trabalho e nos diversos espaços que ocupamos, essas relações se dão de modo justo e saudável? E se incluirmos como variável a cor da pele? Ou o local de residência? Ou o modo como, mesmo sem saber, perpetuamos preconceitos, estereótipos e pequenas violências? Será que tudo isso tem algum tipo de relação com a forma como as pessoas sofrem ou expressam seu sofrimento?

Essas e outras tantas perguntas seguem motivando as pesquisas de Valeska, hoje professora da UnB, que já publicou diversos artigos em revistas científicas, orientou trabalhos de mestrado e doutorado, deu entrevistas e escreveu livros. Ela é também uma das criadoras do jogo de cartas “Emancipação: jogando contra o machismo”, dirigido a jovens em sala de aula, pois o espaço escolar é um dos locais onde o ciclo do machismo pode



ser quebrado.

Ao abordar a complexidade das relações humanas e promover a igualdade de gênero por meio de uma perspectiva crítica e contemporânea, Valeska nos faz repensar todo o mundo ao nosso redor, o que também tem a ver com o lugar das mulheres na ciência. Quando pensamos em alguém que faz ciência, qual é a imagem que vem imediatamente à nossa cabeça? Será que é a imagem de uma mulher? Como será essa mulher? Será que ela pode ser alguém como eu ou você?

CRÉDITOS

AUTORAS

KAMYLE PEREIRA DE SOUZA, 9º ANO
(TEXTO)

LUCAS OLIVEIRA DOS SANTOS, 9º ANO
(ILUSTRAÇÃO)

ORIENTADOR

ANDRÉ PEREIRA DOS SANTOS

ESCOLA

CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL
11 DE CEILÂNDIA



AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Juliana Krapp e Mel Bonfim, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), autoras do livro "Histórias para Inspirar Futuras Cientistas", no qual nos baseamos para lançar a versão do DF; a Raquel Vila Nova Lins e Adriana Custódio, da Gerência de Programas e Projetos Transversais da Secretaria de Educação do DF, essenciais para que a proposta do livro chegasse até as escolas; aos(às) colegas que, com todo o carinho, aceitaram o convite de avaliar os trabalhos do concurso cultural; e a todos(as) que, direta ou indiretamente, têm participado conosco do programa **Mais Meninas na Fiocruz Brasília**.





Assessoria de Comunicação | Fiocruz Brasília

Envie sua sugestão ou comentários para

ascombrasilia@fiocruz.br

Conheça todas as ações do programa

Mais Meninas na Fiocruz Brasília em:

www.fiocruzbrasilia.fiocruz.br/maismeninas

Instagram:

www.instagram.com/fiocruzbrasilia



